
ELIADE
OS ROMENOS LATINOS DO ORIENTE
52/2

COLECÇÃO
GLÁDIO

NÚMERO DOZE

A HISTÓRIA
E A VIDA

Grandes Oficinas Gráficas «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa, Sucessores, Ltd.ª — Vila Nova de Famalicão

OS ROMENOS, LATINOS DO ORIENTE

MIRCEA ELIADE

OS ROMENOS LATINOS DO ORIENTE

1943
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)
17, Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA

PREFÁCIO

NÃO é fácil escrever a história dum povo em menos de cem páginas, especialmente quando se tem, ao mesmo tempo, em vista traçar o seu perfil espiritual, falar da sua alma, evocar as suas criações artísticas, analisar os seus mitos. Eis porque êste livro é mais uma introdução geral ao estudo do lugar ocupado pelos Romenos na História Universal e um esbôço da sua civilização, do que um resumo da sua história.

Dado o carácter da colecção na qual êste opúsculo tem a honra de ser publicado, preferimos pôr diante do leitor português os quadros *em que a história dos Romenos tem evoluído, em vez de lhe oferecer um apanhado cronológico dos acontecimentos, da sucessão dos príncipes e do vaivém das lutas internas. O leitor que desejar conhecer de mais perto a história cronológica dos Romenos encontrará abundante literatura sôbre o assunto, publicada em francês, inglês, italiano e alemão, da qual indicamos na* Bibliografia *as obras mais importantes.*

Enquanto redigiamos êste opúsculo, nunca deixámos de pensar em escrever outro, em língua romena e para Romenos, sôbre a História e a Cultura portuguesas.

Quais são as dominantes *da História lusitana?*

Qual foi o lugar ocupado pelos Portugueses na História Universal? *Qual foi a sua* missão **na** História?

Responder a estas preguntas, é escrever a mais conveniente introdução ao estudo da História de Portugal.

Pela mesma razão, preferimos insistir nos momentos decisivos da História dos Romenos: origens; lutas contra os bárbaros oriundos da estepe euro-asiática; resistência ao Islão vitorioso; lutas para conservar a liberdade comercial do Danúbio, do Dniester e do Mar Negro; equilíbrio entre dois imperialismos — o otomano e o russo.

A melhor maneira, com efeito, de escrever a introdução à História dum povo, é começar pela sua geopolítica *e concluir pelo estudo do seu* espírito de missão. *Entre estes dois polos aparecem e entrechocam-se os demais factores históricos.*

Seria interessante escrever, um dia, um paralelo histórico entre os dois povos latinos mais afastados um do outro: os Portugueses e os Romenos.

Ambos lutaram durante séculos contra o Islão; ambos tiveram o espírito de missão cristã e europeia; e exactamente como o Atlântico é o pulmão de Portugal, as embocaduras do Danúbio e do Mar Negro constituem o ponto de apoio da Roménia, porque — a História já o demonstrou — o Danúbio, quando confiscado pelo imperialismo russo ou otomano, foi sempre, não só a destruïção do equilíbrio do sudeste europeu, mas também uma grave perda para todo o continente.

O oitavo mar da Europa, *o Danúbio, sempre tem desempenhado e continuará a desempenhar, com efeito, um considerável papel geopolítico.*

A liberdade e o regime europeu dêste rio só

têm sido garantidos com um Estado romeno forte, independente, ao abrigo das ameaças imperialistas provindas da estepe euro-asiática. E não deixa de ter interêsse recordar que os principados romenos, criados a seguir à grande invasão tártara do séc. XII, como organismos militares e políticos dum povo de fronteira — conheceram o apogeu quando foram senhores incontestáveis da foz do Danúbio, do estuário do Dniester e da costa romena do Mar Negro, ao passo que a sua decadência começou com a ocupação dêstes pontos nevrálgicos pelos exércitos otomanos.

Mas, pouco tempo depois desta ocupação, os Turcos chegaram até às portas de Viena! Isto prova o valor geopolítico europeu destas regiões.

* * *

Cabe-me, por fim, apresentar a expressão do meu reconhecimento ao meu bom amigo Eugénio Navarro, que se encarregou de traduzir êste opúsculo do manuscrito francês.

MIRCEA ELIADE.

CAPÍTULO I

Origens e formação

1. Sob o signo de Zalmoxis.

Os Romenos descendem de dois grandes povos da antiguidade: os Geto-Dácios e os Romanos. Os Getos, ou, como lhe chamavam os Romanos, os Dácios, pertenciam à grande família trácia, profundamente ligada à história antiga e às religiões arcaicas da Hélada. Os Getos chegaram às regiões cárpato-danubianas pelos fins do período neolítico, cêrca do ano 2000 antes de Cristo. A Dácia depressa se tornou famosa, por causa da extraordinária riqueza dos seus solo e sub-solo. Nas suas férteis planícies, a agricultura cedo progrediu; as colinas sub-carpáticas eram ideais para criar gado; o peixe abundava nos lagos do Danúbio e nas lagunas do Delta; o sal e o ouro encontravam-se fàcilmente e em tanta quantidade que, após a conquista da Dácia, Trajano pôde suspender a cobrança dos impostos em todo o Império, porque só os rendimentos das minas de ouro da Transilvania bastavam para cobrir os *deficits* orçamentais. Em virtude das suas riquezas, a Dácia era uma das regiões mais povoadas do mundo antigo. Pouco antes da conquista romana, a futura *Dacia felix* tornou-se a Califórnia do seu tempo.

Apesar destas riquezas, os Geto-Dácios não deixavam de ser um povo saüdável, trabalhador, heróico e religioso. Todos os autores clássicos atestam a profundeza e a autenticidade da sua vida religiosa. Heródoto (IV, 93) dizia que os «Getos são os mais bravos e os mais justos entre os trácios», sem dúvida por causa da sua crença na imortalidade da alma. «Os Getos foram os mais bravos dos homens de outrora, graças não só à virilidade dos seus corpos, como também aos ensinamentos de Zalmoxis, por êles venerado: julgavam não morrer e apenas mudar de moradia; por isso mais depressa caminhavam para a morte do que empreendiam qualquer viagem» (Imperador Julian, *Caes. 327)*.

O desprêzo pela morte e pelo sofrimento e a certeza da imortalidade eram os elementos característicos da religião geto-dácia. O mundo antigo ficou de tal maneira impressionado com esta crença na primazia do espiritual, que até Platão a dá como exemplo, dizendo de Zalmoxis que êle recomendava aos seus discípulos: «... assim como se não deve proceder à cura dos olhos, sem efectuar a da cabeça, nem a esta sem à do corpo, do mesmo modo se não deve querer tratar do corpo sem cuidar da alma» *(Charmides,* 156, E.).

Os eruditos ainda não chegaram a acôrdo sôbre se Zalmoxis seria um deus do Céu ou da Terra. Uma coisa, porém, é certa: o alto espiritualismo do seu culto. Zalmoxis não tinha templos nem estátuas. Era venerado nas colinas e nas montanhas e talvez o local supremo do seu culto estivesse num dos mais altos picos dos Cárpatos.

Estrabão fala, com admiração, da vida pura, frugal e ascética dos Geto-Dácios, sob a influência da doutrina de Zalmoxis. Essas tribos, go-

vernadas por chefes que, às vezes, conseguiam submeter todo o povo ou grande parte dêle, viviam em aldeias e pequenas vilas. Embora a civilização dácia fôsse profundamente agrícola, parte do povo consagrava-se ao fabrico de vasos, à exploração de madeiras, a extrair e a trabalhar os metais.

Os Geto-Dácios eram louro-ruivos e de estatura mediana. Deixavam crescer as barbas e os cabelos. Os nobres usavam uma espécie de gôrro; os outros andavam de cabeça destapada. O seu tipo físico e os seus trajos característicos — camisa comprida, que chegava aos joelhos, apertada por um cinto, capa pelas costas, suspensa por uma fivela — chegaram aos nossos dias, conservados nos baixos relevos da famosa coluna de Trajano, do Fórum. E podem, também, ainda hoje admirar-se nos camponeses romenos, especialmente entre os que vivem nas regiões carpáticas da Transilvania. Durante perto de dois mil anos, os Dácios permaneceram arreigados ao solo da pátria, sem nunca emigrarem; pode mesmo dizer-se que são uma criação dêste solo que os alimentava e pela defesa do qual sempre estiveram prontos a dar a vida. Porque sempre houve outros povos, cobiçosos da riqueza da Dácia, que invadiam o seu território. Foram os Cimérios, no começo do primeiro milénio, antes de J. C.; depois, um pouco mais tarde, no século VII, os Citas iranianos, que trouxeram uma influência benéfica do próximo Oriente; a seguir, pelo ano 1000 antes de J. C., vindos do Ocidente, tribos pertencentes à civilização hallstatto-ilírica e ítalo-vilanoviana, abriram o caminho à *romanidade* ocidental que devia chegar séculos depois. Outra influência ocidental, enfim, importantíssima, foi a exercida pelos Celtas e pela sua civilização, ao findar do século IV (La Téne).

Mas tôdas estas populações acabaram por ser assimiladas pelos Geto-Dácios. A cultura dácia só teve a ganhar com tais contactos — guerreiros a princípio, pacíficos e fecundos depois.

Cinco séculos antes de J. C., a Dácia mantinha relações comerciais e culturais bastante desenvolvidas com a Hélada; nos portos do Mar Negro *(Ponto Euxino)* e do Danúbio, floresciam já diversas colónias gregas. Tudo contribuia para fazer da Dácia o ponto de contacto entre vários mundos; era não só a fronteira entre a Ásia e a Europa (porque a Europa, geogràficamente, acaba no Dniester), mas também o cruzamento das grandes correntes culturais entre o Ocidente e o Oriente. E foi aqui, nesta Dácia, que a História tentou as primeiras sínteses entre o Oriente e o Ocidente: os Cimérios, vindos do Mar Cáspio, com os Vilanovianos, vindos da Itália; os Citas iranianos com os Celtas, etc. Estas correntes e influências do Oriente e do Ocidente chocaram-se e cruzaram-se, acima dos Geto-Dácios, que permaneciam onde tinham vivido tantos séculos, assimilando tribos após tribos.

Já se pode ver, nesta atitude, uma prefiguração da história patética do povo romeno. Como os seus antepassados Geto-Dácios, o povo romeno assistiu, desde o seu nascimento, a uma série de invasões, bem mais selvagens do que as da proto-história, e a diversas influências contraditórias e mesmo, por vezes, hostis. Mas o povo romeno mantém-se fiel e arreigado à terra, sem a abandonar, nas circunstâncias mais trágicas, suportando as influências e as invasões sem perder a sua substância étnica, *o seu estilo,* o seu teor de vida, a sua autêntica personalidade física e moral.

2. Um grande reino dácio.

Conhecem-se episódios da história antiga dos Geto-Dácios. Em 514 antes de J. C., Dario, rei dos Persas, penetrou na Dobrudja com um forte exército, a caminho do país dos Citas. Tôdas as tribos trácias que Dario encontrou lhe obedeceram, impressionadas com as suas fôrças consideráveis; só os Dácios lhe resistiram em ferozes combates (Heródoto). O próprio Alexandre Magno se aproximou da Dácia. Atravessou, em 335 antes de J. C., o Danúbio e conquistou uma cidade dos Getas; mas só lá se demorou 24 horas, chamado pelas perturbações manifestadas nalgumas cidades gregas ainda mal submetidas. E não voltou mais, definitivamente seduzido pelo seu sonho de dominar a Ásia.

Os historiadores gregos também registaram os nomes e os feitos de alguns reis dácios, mas só de alguns. Isto, aliás, é compreensível; apenas os que têm qualquer ligação com os Gregos ou directamente ameaçaram o mundo helénico têm os seus nomes inscritos na historiografia grega. Felizmente a memória grega reteve coisas muito mais preciosas; não esqueceu Zalmoxis, nem as virtudes dos Dácios, nem o seu horizonte espiritual, singularmente puro e vasto. Com efeito, há coisas mais importantes, — diríamos até: mais decisivas, — do que os documentos relativos às acções desta ou daquela personagem, aos pormenores duma batalha ou às quedas duma dinastia: são as provas da vida espiritual e cultural dum povo inteiro; os documentos que a pre-história, a arqueologia e a etnologia ressuscitam e interpretam. Um símbolo, um mito, certo estilo de vida reconstituído com o auxílio de

alguns vasos e utensílios domésticos, são infinitamente mais significativos, porque é com estes documentos impessoais que se pode trazer de novo à vida uma cultura e decifrar o sentido da espiritualidade dum povo.

O primeiro rei dos Geto-Dácios, cujo nome se encontra registado pelos historiadores gregos, foi Dromichaetes; travou várias batalhas com os Macedónios e conseguiu mesmo capturar o seu rei, Lisímaco, além dum exército inteiro, 292 antes de J. C. Após Dromichaetes e por causa da invasão dos Celtas, o reino dácio entrou num período de perturbações internas.

Só dois séculos mais tarde a Dácia alcançou uma fôrça e um prestígio nunca até então atingidos, sob o reinado de Burebista, no I século antes de J. C. Burebista conseguiu unificar todos os pequenos principados geto-dácios, de sorte que o seu reino estendeu-se desde os montes Balcânicos e a Boémia até o Tissa e o Bug. As cidades gregas do Mar Negro reconheceram-no como soberano e julgou-se bastante forte para intervir nas lutas internas de Roma. O seu exército era considerável; podia elevar-se a duzentos mil homens. Os Romanos começaram a inquietar-se. César pensou em organizar uma expedição contra êle; mas sucumbiu antes de o fazer. Felizmente para Roma, Burebista morreu pouco tempo depois de César e o reino foi dividido entre os seus sucessores.

Entretanto, o conflito entre Roma e a Dácia tornou-se inevitável. Os Romanos encontravam-se, desde o primeiro século antes de J. C., na margem direita do Danúbio. O comércio e a cultura de Roma penetraram na Dácia mesmo antes desta data. A sua glória deslumbrava aquêle povo agrícola que levava uma vida simples e rude. Às vezes a atracção era forte demais e

os dácios atravessavam o Danúbio e invadiam a nova província romana da Moesia, como, por exemplo, em 69 e 85 depois de J. C. O imperador Domiciano iniciou, então, uma série de operações contra a Dácia, que resultaram desastrosas. O governador da Moesia, Oppius Sabinus, foi feito prisioneiro e o seu exército dizimado. Uma segunda expedição, sob o comando de Cornelius Fuscus, sofreu idêntico desastre. Só algum tempo depois, outro general romano, Tettius Julianus, conseguiu vencer os Dácios em Tapae, no ano de 89 depois de J. C. Mas a paz que se seguiu não foi desfavorável aos Dácios; Domiciano comprometeu-se a fornecer operários romanos e a pagar uma soma de dinheiro. Reinava, a êsse tempo, na Dácia, Decebale, o terceiro e último dos grandes reis dácios. Possuía um exército bem organizado, numerosas fortalezas de terra e pedra, em volta da sua capital, Sarmizégetusa, situada na parte sudoeste da Transilvania, bem como em outros pontos estratégicos. Decebale introduzira no seu exército a disciplina e os métodos de combate dos Romanos.

Pelo seu acôrdo com Domiciano, recebia engenheiros e técnicos romanos, máquinas de guerra, etc. Decebale era um dêsses raros bárbaros que tinham compreendido que, para resistir ou mesmo vencer o poder romano, só havia uma possibilidade: assimilar a sua civilização. Durante o seu reinado, a romanização da Dácia foi estimulada. Muitos Dácios falavam latim, língua bastante conhecida ao norte do Danúbio, mesmo no tempo de Augusto. Não correra, porventura, em Roma o rumor do casamento de Júlia, filha de Augusto, com o jovem rei dácio Cotiso? Mas as vitórias de Decebale e o seu poder crescente incomodavam os Romanos. O acôrdo estabelecido entre Domiciano e o rei dos Dácios não era só humi-

lhante para a dignidade romana; era perigoso para a segurança do Império. A glória de Decebale punha em perigo o prestígio romano, por tôda a parte, nessas províncias limítrofes. Um forte reino dácio era perigoso, não só para a Moesia onde as populações podiam sublevar-se contra o govêrno romano, mas também para as outras províncias da Europa Central, a Panonia, por exemplo. Por isso uma nova guerra dácio-romana era fatal. Além disto, deve-se ter em conta a atracção que exerciam as riquezas da Dácia... para os cofres vazios do Império. O espírito estratégico dos Césares reapareceu, por fim, com Trajano, o Imperador que decidiu conquistar a Dácia.

«A província da Dácia, escreve a justo título Daicoviciu (*Le problème de la continuité,* pág. 22), devia constituir, não uma simples testa de ponte, mas uma potente base bem organizada para assegurar a romanidade oriental e permitir a sua expansão ao Norte do curso médio e inferior do Danúbio, na Marcomania e na Sarmácia, província que Marco Aurélio pensava anexar ao Império, continuando assim a tradição da política cesárica. Com efeito, a anexação da Dácia não foi só um verdadeiro benefício para a região balcânica do Império; exerceu, também, fecunda influência nas populações bárbaras do oeste, do norte e do este da Dácia, que preparou para uma nova existência civilizada, revelando-lhes as formas superiores da cultura romana.»

3. Trajano e a romanização da Dácia.

Foi a um imperador ibérico que o destino confiou a missão de conquistar e romanizar a Dácia. Esse colono, da cidade espanhola de Itálica, revelou-se um grande general e um imperador de génio. *Optimus princeps* é o título que a posteridade lhe conferiu. Aplica-se com a mesma energia à tarefa de regenerar o Império por meio de reformas internas e de o fortalecer com outras conquistas. Trajano só atacou a Dácia depois de ter garantido a paz nas regiões do curso superior do Danúbio, na Panonia. Em 101 depois de J. C., atravessou o rio e atacou o país com fôrças enormes, 13 legiões. A resistência dos Dácios e do seu heróico rei, Decebale, foi extremamente vigorosa. Em Tapae, os Romanos ficaram vitoriosos mas sofreram perdas enormes. A campanha prosseguiu no ano seguinte, em 102. Vencido de novo diante de Sarmizégetusa, Decebale pediu a paz. Trajano impôs-lhe duras condições; o altivo rei dos Dácios tornou-se *príncipe cliente* e uma guarnição romana estabeleceu-se na sua capital. Mas os Dácios não podiam aceitar a sujeição. Logo após a derrota, Decebale começou a preparar a desforra; reconstruiu as fortificações, estabeleceu alianças com os vizinhos.

Mais uma vez Trajano foi o primeiro a atacar, atravessando o Danúbio numa ponte, feita logo depois da primeira guerra dácia. A campanha começou em Junho de 105. Dois grandes exércitos romanos penetraram, pelos Cárpatos, na Transilvania e marcharam sôbre Sarmizégetusa. A luta à volta da capital foi feroz. Quando os primeiros soldados romanos entraram na fortaleza, a população deitou fogo às casas e os chefes envenenaram-se para não cair vivos em poder dos vencedores. Decebale, com um séquito de nobres, refugiou-se nas montanhas, lutando sempre; mas foi obrigado a suïcidar-se com o seu punhal, para não ser feito prisioneiro. A sua cabeça foi enviada a Roma por Trajano.

A segunda guerra dácio-romana durou dois anos, de 105 a 106. Mas, dessa vez, a vitória foi absoluta e a Dácia ficou transformada em província romana. O espólio tomado por Trajano era importante. Com o ouro da Dácia, as finanças do Império ficaram salvas. Foi o período mais glorioso da história romana. A esta «Califórnia do mundo antigo» acorreram colonos de tôdas as partes do Império, *ex toto orbe*. Trajano animava esta prodigiosa colonização, compreendendo bem que só com uma romanização rápida e profunda se podia defender a Dácia dos bárbaros. Edificaram-se cidades florescentes e abriram-se estradas que inspiraram à população um sentimento de perfeita segurança.

A guarnição da Dácia era enorme; representava o maior contingente de tropas provinciais, depois do da Bretânia. «A romanidade foi difundida na mesma escala pela multidão de comerciantes, de artífices, de funcionários de tôda a ordem e, sobretudo, pelos colonos; ora estes pertenciam, na sua grande maioria, a províncias há muito romanizadas, em especial à Dalmácia» (Daicoviciu, *op. cit.*, pág. 23). Numerosos colonos vieram também da Itália.

A transformação da Dácia em província romana teve enormes conseqüências para o futuro dêste território. Com as legiões de Trajano, o Ocidente latino penetrou nessas regiões. Até ali, a Dácia orientara-se para o Oriente helénico; desde então, começou a guiar-se pelo Ocidente. O fluxo civilizador foi mudado. A população dácia misturou-se com os colonos romanos e, como o latim vulgar era um instrumento universal e prestigiado, ainda por cima, pelo conquistador, a Dácia adoptou êste idioma. Aqui como em todo o Império, a assimilação foi rápida. Bastou um século para romanizar a Espanha e

as Gálias. Mas, como por tôda a parte, aliás, a romanização não implicou mudança radical da substância étnica aborígene. O dácio aprendeu o latim, mas conservou os seus costumes, a sua maneira de viver, as suas virtudes ancestrais. Nas novas cidades eram adorados todos os deuses do Império, mas nas aldeias e nas montanhas perpetuava-se o culto de Zalmoxis, mesmo quando, mais tarde, mudou de nome. Assim que os primeiros missionários cristãos levaram a nova fé aos Dácio-Romanos, estes abraçaram imediatamente o cristianismo, antes dos outros; Zalmoxis tinha-os preparado, havia séculos, para o novo credo...

Enquanto, porém, êste processo de romanização e de civilização evoluía, na fronteira nórdica da Dácia esboçava-se um processo contrário: as grandes invasões bárbaras, que fariam cair mais tarde a magnífica construção do Império. O mundo bárbaro dos Godos estava em pleno movimento. Tentaram diversas incursões na Dácia; foram batidos pelo Imperador Decius. Mas, a sua pressão tornou-se cada vez mais forte. Os Godos, os Carpos e os Dácios livres que viviam no norte do país, atacavam incessantemente. Sob Aureliano, a situação tornou-se insustentável e êste grande Imperador decidiu evacuar a Dácia, o que efectuou em dois períodos (271-72). Era a renúncia total à política cesárica de expansão e regressar ao princípio estratégico e político de Augusto: manter o Império nas suas fronteiras naturais fortificadas. Abandonando a Dácia, Aureliano salvou o Império, porque no Danúbio tinha uma fronteira natural mais fácil de defender e os Romanos continuavam a exercer verdadeiro domínio numa parte do território da margem esquerda do rio. Ninguém acreditava, aliás, no abandono

definitivo desta província. Esperava-se voltar um dia. O futuro desmentiu tais esperanças...

Quem teria passado o Danúbio, na Moesia, quando chegou a ordem de evacuar a província? As legiões, certamente, os funcionários, os ricos, alguns comerciantes. «Difìcilmente se pode crer numa evacuação geral, escreve o eminente historiador Leão Homo, na sua obra sôbre o reinado de Aureliano (pág. 317). Deve ter ficado nos campos grande número de antigos habitantes que viviam em boas relações com os Godos e não tinham interêsse algum em abandonar a província. Além disso, uma evacuação geral seria, provàvelmente, impossível sem uma nova guerra; os Godos não teriam consentido na partida de tôda a população civil.» Havia de ser preciso alguém para amanhar a terra, porque o Godo invasor vivia do trabalho do vencido; era nómada e não praticava a agricultura. E, depois, partir — para quê?...

A vida anunciava-se muito dura ao sul do Danúbio; na Dácia era possível um entendimento com os invasores, pagando-lhes um tributo em sementes ou gado; na Moesia, havia o cobrador romano e, ainda por cima, a vida instável, porque lá, precisamente, se travavam os mais duros combates contra os invasores bárbaros, mesmo antes de Aureliano. As regiões mais poupadas, relativamente, eram a Transilvania e a Oltenia. Não se encontraram, efectivamente, ao sul do Danúbio, nenhumas inscrições que mencionassem refugiados da Dácia. É pouco provável que se houvessem evacuado massas completas de homens sem deixar vestígios da sua passagem ao sul do rio. Não esqueçamos que a Dácia era uma província muito populosa. Onde iria procurar asilo êsse milhão de refugiados? Em que vilas ou aldeias?

Não, o camponês e o pastor dácio-romano ficaram nas suas terras, como já tinham ficado ao dar-se a invasão dos Cimérios e dos Celtas, como ficariam, séculos mais tarde, em face dos Tártaros e dos Turcos. Tinham, para se defender, uma arma que nenhum dos invasores podia ter: o conhecimento do seu próprio país. *Dacios inhaerent montibus*, dizia um escritor antigo; «os dácios vivem agarrados às montanhas», e nas suas impenetráveis florestas encontraram um admirável abrigo, não só perante a ameaça dos bárbaros dos primeiros tempos da era cristã, mas no decurso de tôda a sua história.

«O bosque é irmão do Romeno» — é um dos provérbios mais populares entre os descendentes dos Dácio-Romenos.

4. A formação do povo romeno.

As montanhas e as florestas contribuíram, enormemente, para garantir a continuïdade dácio-romana, na Dácia. Naqueles tempos podia-se atravessar o país inteiro, desde os Cárpatos ao Mar Negro, sem abandonar nunca as florestas. Sôbre a influência da floresta na vida do povo romeno podia-se escrever uma biblioteca. No folclore encontra-se, em tôda a parte, a presença da floresta. E os Romenos são os únicos a utilizar, nestas regiões da Europa, a fôlha verde como instrumento musical.

Os Godos ficaram, durante um século, senhores da Dácia, até 375 depois de Jesus Cristo. A romanização dos Dácio-Romanos, entretanto, continuou, porque as relações entre as duas margens do Danúbio nunca foram interrompidas. Os senhores da terra, os Godos bárbaros, eram em número restrito, e, se conseguiram paralizar a

vida das grandes cidades, nada puderam fazer, porém, contra a milenária civilização rural. Nas aldeias, a vida dácio-romana continuava e os próprios Godos tinham interêsse em que continuasse, porque a riqueza do país era o único meio que tinham para viver. De resto, a coabitação pacífica entre os povos invasores germânicos e os autoctones é atestada por descobertas arqueológicas (necrópoles comuns, etc.).

Durante êsse tempo, sobreveio a cristianização dos Dácio-Romanos. Ulfila, missionário do sul do Danúbio, começou a prègar o Evangelho na Dácia, utilizando a língua gótica e o latim. Prègava em língua gótica aos «senhores». Mas, a quem prègava êle em latim, senão ao povo que sabia o latim ou que só êste idioma compreendia? Mais uma prova de continuïdade romana no norte do Danúbio. No IV século, a cristianização dos Dácio-Romanos estava em pleno desenvolvimento. Descobriu-se recentemente, na Transilvania, uma inscrição cristã em língua latina, do século IV. Mas nada nos impede de crer que, muito tempo antes, o cristianismo tivesse conquistado adeptos na Dácia. Os Dácio-Romanos não foram baptizados em massa, por ordem dos seus chefes, como aconteceu com a maior parte dos povos vizinhos. A cristianização dos Dácio-Romanos obedeceu a um processo espiritual; foram convertidos por missionários e não com ameaças. Foram, de resto, os primeiros cristãos nesta parte da Europa. Todos os outros vizinhos só foram baptizados séculos depois.

A antiguidade do cristianismo dácio-romano é atestada pelo carácter latino do léxico cristão romeno. «Igreja», em romeno, diz-se *biserica,* da palavra latina *basilica;* «Deus» diz-se *Dumnezeu,* do *Dominus Deus;* «comunhão», *cuminecatura,* de *communicationem;* «baptizar», *boteza,* de *baptizare;* «cristão», *crestin,* de *christianus;* «cruz», *cruce,* de *crux, cis;* «pecado», *pacat,* de *peccatum;* «oração», *rugaciune, rogationem;* «anjo», *ânger,* de *angelus;* «falecer», *a raposa,* de *repausare* — repousar (no falecer ou morrer vai incluída a idéia de *repouso,* ou descanso); «Páscoa», *Paste,* de *Paschae,* etc. etc. A origem latina do cristianismo romeno é confirmada, também, pelo nome de algumas festas importantes. O domingo de Ramos chama-se em romeno *Floriile,* do têrmo latino *Florilia,* festa pagã da Primavera. O Pentecostes tem, na língua romena, o nome de *Rusaliile,* da antiga festa primaveril, latina, *Rosalia.* O mesmo se observa com o nome romeno para «festas», *sarbatoare,* que é de origem latina pagã: (dies) *servatoria* (-conservatoria).

Foi esta fé cristã que consolou e sustentou a população do norte do Danúbio, durante as novas vagas de invasões, porque, um século depois da conquista da Dácia pelos Godos, ocorreu a mais terrível das invasões que a Europa até então conhecera: a invasão dos Hunos (375 depois de J. C.). A Dácia foi novamente sacudida por êsses bárbaros asiáticos. Os últimos restos da civilização urbana foram destruídos. Parte da população foi chacinada. O povo fugiu para as montanhas e para as florestas, à espera que a tempestade passasse. Com efeito, após a morte de Attila (453) o Império dos Hunos pulverizou-se e a Dácia foi ocupada por uma nova tribo bárbara, germânica, os Gépidas. A vida recomeçou; as aldeias aumentaram, a agricultura voltou a florescer, as vinhas rebentaram e frutificaram de novo.

Os Gépidas eram um povo pacífico *(quieta gens)* e, como os seus predecessores, tinham interêsse que os autoctones progredissem, porque eram êles sempre que «pagavam». Mas o seu

reinado pouco durou; em 566 foram esmagados pelos Longobardos e pelos Avaros. Os Longobardos partiram, imediatamente após a vitória, para a Itália; os Avaros ficaram senhores absolutos da Dácia. Mas, também, não tiveram tempo de lucrar com a conquista, porque outra tribo bárbara tomou o seu lugar: os Eslavos...

As vagas de bárbaros sucederam-se umas após outras, durante mais de três séculos. Os Eslavos não foram os últimos. Depois dêles chegarem, outras tribos se preparam para entrar na História europeia. Mas nada puderam fazer contra os «homens da terra», contra os verdadeiros senhores da Dácia. E nada puderam fazer, porque eram *estrangeiros, estranhos* — porque não eram de lá, porque não sentiam *simpatia* alguma por aquela paìsagem que vinha formando, desde o III milénio antes de Jesus Cristo, a alma da população autoctone. Os bárbaros levavam outra «visão de vida» *(Weltanschauung)*; obedeciam a outros hábitos e outras maneiras de viver. Sentiam até, talvez, a nostalgia da Ásia, da Eurásia ou do norte da Europa... Em qualquer caso a paìsagem da Dácia, o céu, as florestas, as montanhas, os homens — tudo para êles era estranho. E sucumbiram perante êste *meio* hostil, como haviam de sucumbir os Eslavos e outros bárbaros que surgiram depois. Quando não eram exterminados pelos outros bárbaros, ou em lutas com os grupos de insurrectos, perdiam-se na massa dos autoctones. Nunca eram, aliás, muito numerosos: algumas dezenas de milhar, ou talvez menos, entre as centenas de milhar da população dácio-romana autoctone.

Mas as invasões bárbaras tiveram, todavia, considerável influência no destino da Dácia; cortaram-lhe as relações com o Ocidente latino. Alguns séculos antes, Roma atraíra esta província penetrada de influências culturais gregas; depois, a Dácia, isolada de Roma, procurou apoio no outro lado do Império, em Bizâncio, a nova Roma do Oriente. Foi através da romanidade oriental da península balcânica que os Dácio-Romanos do norte do Danúbio conservaram o contacto com a latinidade.

Pode-se, desde já, adivinhar um ritmo secreto na história dos Dácios e dos seus descendentes, os Romenos: foram estes dois polos, o Ocidente latino e o Oriente helenizado, que exerceram, alternadamente, a sua influência espiritual e política na formação e no destino dêste povo. Com os *vilanovianos* da pre-história, foi a Itália que se tornou presente na Dácia; com os Gregos do século VII antes de J. C., foi o Próximo-Oriente helenizado que se constituiu o centro donde irradiava a influência cultural; com Trajano, a Dácia foi integrada, definitivamente, no Império romano e na cultura latina: os bárbaros mudaram-lhe, de novo, a orientação, e Bizâncio tornou-se, durante tôda a Idade-Média, o centro supremo de influência; enfim, pelos começos do século XVIII, o Ocidente latino de novo se converte em ponto de atracção e fonte fértil de influências na vida espiritual e política do povo romeno.

Mas não antecipemos e voltemos aos tempos das invasões bárbaras. Interrompidas as relações directas com Roma, para Bizâncio se voltaram os olhares dos Dácio-Romenos. Mas Bizâncio, nesse tempo, era ainda a romanidade, o Império romano. E os vestígios desta persistência da romanidade encontram-se por tôda a parte, no território da Dácia; inúmeros objectos romanos e bizantinos foram descobertos em quási tôda a província. O grande imperador Justiniano (527-565) criou mesmo um arcebispado *(Justiniana Prima)* que estendia a sua jurisdição pela Dácia. A cerâ-

mica específica, após o século III, é a continuação da cerâmica dácio-romana da época romana, e influencia até a indústria dos bárbaros.

Evidentemente que, após a grande crise que o Império romano sofreu, no século III, observa-se, por tôda a parte, um impulso do «particularismo» provincial. O centro de gravidade deixa de ser Roma — são as Províncias. O resultado imediato desta deslocação revela-se nas criações artísticas; a arte torna-se mais «particularista», mais local, utilizando, de novo, as tradições estilísticas autoctones, pre-romanas. Assistimos, em certo sentido, a um regresso à pre-história, ou, se se prefere, à herança dos «antepassados» de antes da conquista romana. Fenómeno verificado na Inglaterra, na Gália, na Dácia. A grande crise do século III animou o renascimento duma aristocracia rural, em tôdas as províncias do Império; renascimento que coïncide com a decadência das cidades e a florescência da vida rural. Este «particularismo» provincial, recentemente exposto em penetrante estudo do historiador romeno Jorge Bratianu *(Une énigme et un miracle historique: le peuple roumain, 1937)*, verifica-se também na Dácia. Pouco a pouco, observa-se na cerâmica o regresso à tradição local. O início da Idade-Média é, na Dácia, mais do que em qualquer outro lado, uma nova época pre-histórica. Isto explica, talvez, a resistência miraculosa dos Dácio-Romenos; porque o renascimento do «particularismo» trazia para a Dácia o espírito da antiga cultura geto-dácia, a vitalidade dos antepassados, a mística viril de Zalmoxis. O espírito autoctone é sempre terrìvelmente resistente; séculos de domínio estrangeiro, centenas de guerras assassinas, não conseguiram aniquilá-lo. A história dos Romenos da Transilvania dá-nos, a tal respeito, uma prova retumbante.

Quando os Eslavos chegaram, a romanidade oriental vivia, sem solução de continuïdade, do norte da Dácia ao Adriático e ao Mar Negro. Chamava-se, mesmo, a tôdas estas regiões, a partir do IV século depois de J. C., *Romania.* Mas a avalanche dos Eslavos quebrou esta grande unidade étnica e lingüística. Ao contrário dos outros invasores bárbaros, os Eslavos eram tão numerosos que puderam dar-se ao luxo de se fixar no solo conquistado. Depois de encarniçadas lutas, tornaram-se senhores da terra. Esta supremacia durou séculos; mas o *processus* de assimilação da parte da população autoctone continuou, durante êsse tempo. Os senhores submeteram-se, por sua vez, — pela cultura, pelo idioma, pelos casamentos — e, quando no século XI se criaram os primeiros principados romenos, o *milagre* estava realizado: os Eslavos haviam sido assimilados e, no território da Dácia, vivia o povo romeno, que tinha conservado tôdas as características dos seus antepassados, os Dácios, e falava uma língua latina: o romeno.

5. Características da língua e da civilização romenas.

A Romania do século IV estava definitivamente quebrada. As províncias romanizadas do sul e do oeste do Danúbio passaram a ser regiões eslavas. Na antiga Illyricum, estabeleceram-se os Sérvios; na Moesia, os Búlgaros, povo eslavo com elementos asiáticos. Desde então, os Romenos formaram uma ilha de latinidade no meio dos Eslavos. Os seus únicos vizinhos não eslavos eram os Húngaros, que tinham vindo, em fins do século IX, da Ásia, estabelecer-se na planície do Tissa.

Tem-se falado, com razão, do «milagre histórico» dêste povo latino que sobreviveu na extremidade oriental da Europa, conservando intactas tôdas as características dos seus antepassados. Com efeito, as investigações antropológicas classificaram os Romenos entre os povos latinos, nìtidamente diferenciados dos povos do Balcan. A área da formação parece ser a dos dois lados dos Cárpatos. «Os povos da Roménia agrupam-se como raça sangüínea em volta dum núcleo romeno que se encontra especialmente no centro montanhoso da Transilvania, rico em elementos europeus», escreve o Prof. Dr. Georges Popoviciu *(Les races sanguines en Roumanie,* Bucuresti, 1941).

Os factos lingùísticos confirmam estes resultados, porque o Prof. Gamillscheg *(Ueber die Herkunft der Rumänen,* Berlim, 1940) fixa o berço da língua romena, a sua «célula germinativa» (Keimzelle), na parte oriental da Transilvania. Foi aqui, na verdade, que se conservaram, não só os nomes romanos de cidades e dos rios, como também os nomes dácios! (O nome da vila de Abrud = *Abruttum;* as ribeiras Cris = *Crisia;* a cidade de *Turda* é a antiga localidade dácia *Turidava,* etc.).

Mas a continuïdade étnica é ainda mais saliente no que respeita ao traje popular. Os camponeses romenos vestem-se hoje exactamente como os Dácios da Coluna de Trajano! Em parte nenhuma da Europa a população rural conservou o traje de há dois mil anos como na Dácia. Há ali tipos de casas da proto-história e certas aldeias da Transilvania que conservam ainda a estrutura da época pre-romana!

Outro milagre é, certamente, a própria língua romena, único idioma românico que conserva o artigo depois do nome, como em latim (em vez de: *o* lôbo, *do* lôbo, *ao* lôbo, etc. — diz-se em

romeno: lup, lup*ul,* lup*ului,* etc., exactamente como em latim: lup*us,* lup*um,* lup*i*). É também o único idioma românico sem dialectos. Tam espantosa unidade lingüística explica-se pela vida migratória dos pastores, que vinham, com os seus rebanhos, dos Cárpatos até o estuário do Danúbio e às costas do Mar Negro, à procura de pastagens, no inverno. É evidente que, por via de tantas invasões, uma parte da população, especialmente a das montanhas, abandonou a agricultura (embora se possa praticar a agricultura, nas depressões carpáticas, até 1.000 metros) e converteu-se em povo pastoril.

A morfologia e a sintaxe romenas são latinas. Tôdas as palavras fundamentais são de origem latina: família *(om* — homo; *barbat* — barbatus; *muiere* — mulier; *parinte* — parentem; *fiu*—filius; *fiica* — filia; *sora* — soror; *frate* — frater; *cumnat* — cognatus; *socru* — socer; *ginere* — generem; *nepot* — nepos, *-tem;* etc.); qualidades essenciais *(bun* — bonus; *frumos* — formosus; *tânar* — tener; *batrân* — veteranus, etc.); guerra *(arma* — arma; *arc* — arcus; *sageata* — sagitta; *scut* — scutum; *coif* — cuffea; *lupta* — lucta; *bătaie* — battalia; *maciuca* — matteuca; *securea* — securis, etc.); a casa e a vida rural *(casa* — casa; *sat* (aldeia) — fossatum; *agru* — ager; *câmp* — campus; *ara* — arrare; *sapa* — sappare; *seamăna* — seminare; *culege* — colligere; *grâu* — granum; *meiu* — milium; *orz* — hordeum; *spic* — spicum; *grăunte* — granucia; *moara* — mola; *făina* — farina; *pânea* — panis, etc., etc.); os animais *(câne* — canis; *cal* — caballus; *armasar* — armessarius; *iapa* — equa; *porc* — porcus; *scroafa* — scrofa; *purcel* — porcellus; *găina* — gallina; *porumb* — polumbus; *lup, peste, urs, vultur,* etc.); a vida pastoril *(pastor* — pastor; *păcurar* — pecurarius; *oaia* — ovis; *berbec* — vervex; *mielul* — agnellus; *turma* —

turma; *boul* — bos; *vaca* — vacca; *cornut* — cornutus; *taurul* — taurus; *juncul* — juvencus; *vitelul* — vittelus; *a paste* — pascere; *fânul* — fenum; *jug* — jugum; *capra* — capra, etc.); a indústria caseira (*lâna* — lana; *toarce* — torquere; *fir* — filum, etc.); as partes do corpo (*ochiu, nas, mâna, ureche* — auriculum; *frunte, tâmplă, umăr, palma,* etc.); os têrmos militares, jurídicos, religiosos, cósmicos e meteorológicos, não só são latinos como conservam, às vezes, formas mais arcaicas do que nas outras línguas românicas. Quando se trata de saber se uma palavra francesa ou italiana pertence ao latim vulgar da época imperial, ou foi ulteriormente introduzida por intermédio da língua latina culta da Idade-Média, o Prof. italiano Bartoli recomenda a prova do romeno: se a palavra se encontra no romeno temos o direito de deduzir que era corrente entre a população romana. O «milagre» da latinidade da língua romena é ainda mais surpreendente se pensarmos que tôdas as outras línguas românicas reforçaram o seu carácter latino durante a Idade-Média, e mesmo depois, mediante a influência da língua latina usada pela Igreja, pelas Universidades, pelos serviços administrativos, etc.

A língua romena, pelo contrário, continuou a receber até o século XVIII influências bizantinas e eslavas, através da administração religiosa e da cultura.

6. O alvorecer da história romena.

Cinco séculos de coabitação com os Eslavos deixaram, naturalmente, vestígios no povo e na língua romena. Assim como os Franceses, os Italianos e os Espanhóis são povos romanos com um sedimento germânico, os Romenos são um povo romano com um aditivo eslavo. Os Eslavos, tendo vencido, após duros combates, os Dácio-Romanos, mudaram a toponímia do território ocupado; muitos rios, montanhas e aldeias têm nomes eslavos. Mas, a exemplo de todos os que os precederam, também sofreram a influência dos autoctones; graças aos casamentos intermixtos, as mulheres dácio-romanas assimilaram número considerável de eslavos; pelos seus méritos militares, os homens ganhavam o direito de entrar na classe dominante e ficavam a pertencer-lhe.

A princípio, os Dácio-Romanos eram «servos» nas terras ocupadas pelos novos senhores; o próprio nome de «romeno» conservava um sentido social pejorativo, isto é, homem preso à terra. Mas através dos inumeráveis combates com os outros bárbaros, acabaram por ser, não só apreciados pelos seus «senhores», os chefes eslavos, como também chamados a combater com êles. Um dos primeiros nomes romenos registados nas crónicas, *Gelu da Transilvania* (século XII), era, provàvelmente, o chefe dum principado eslavo-romeno.

Os Dácio-Romanos assimilaram os Eslavos e civilizaram-nos, ao mesmo tempo. Muitas palavras que denotam uma cultura bastante elevada foram transmitidas aos Eslavos pelos Dácio-Romanos. Uma parte da massa eslava passou o Danúbio, dando origem, mais tarde, às nações sérvia e búlgara. Grupos compactos de Dácio-Romanos conservaram-se, aqui e ali, por tôda a parte, na península balcânica. Em conseqüência de um conflito com o Imperador de Bizâncio, as províncias do sul do Danúbio tornaram-se independentes. Foram os irmãos romenos Asan, que criaram o II Império romeno-búlgaro (1197-1258).

«O nosso caríssimo filho em Jesus Cristo, Ionita, ilustre rei dos Búlgaros e dos Romenos»,

assim lhe chama o Papa Inocêncio III, numa carta de 1204. Os Romenos também se conservaram, em número bastante elevado, até os nossos dias, na Macedónia e na Ístria. Através destas ilhas de *romanidade* — mais numerosas, sem dúvida, no comêço da Idade-Média — espalhadas desde o Danúbio ao Mar Egeu, os Romenos da Dácia nunca perderam contacto com Bizâncio. E isto, porque, evidentemente, Bizâncio representava para êles a herdeira de Roma, o centro de onde irradiava a civilização, a fonte viva da fé cristã, o fulcro do mundo civilizado. Poucos documentos possuímos acêrca da vida dos Romenos na Idade-Média. Só depois das invasões tártaras o nome dos *Romenos* começa a ser notado pelos cronistas. O fenómeno é fácil de compreender, visto que os autoctones não tinham papel político e as crónicas só se ocupavam dos conquistadores. A Dácia é chamada a *Gothia,* mesmo já depois dos Gôdos terem deixado o território, e *Sclavonia,* por causa da invasão eslava, exactamente como os Romanos chamaram *Scythia* a uma parte da Dácia onde, outrora, tinham reinado reis citas.

Os Romenos devem ter vivido a mesma vida difícil, a defenderem-se sempre de novos invasores, que viveram os seus antepassados Dácios e Dácios-Romanos. A Dácia não deixou de ser a porta das invasões. Depois dos Eslavos, outros povos bárbaros se esforçaram por conquistar a antiga *Dacia Felix,* e abrir caminho para o sul ou para a Europa Central: os Magiares, os Tártaros e os Turcos. O território dos Romenos não só é precioso em si mesmo, pelas suas riquezas, como também pela posição-chave, de incomparável valor estratégico, que representa.

Quem se assenhoreasse da foz do Danúbio, dominava, com efeito, as vias de comunicação entre a Europa Central e o Próximo Oriente, entre a Crimeia e Constantinopla. Um exército que atacasse do sul do Danúbio e vencesse a Dácia tinha aberto diante de si o caminho, em pleno seio da Europa. O facto foi, aliás, verificado, alguns séculos mais tarde: quando os Turcos quebraram a resistência das pequenas mas corajosas fôrças romenas, conseguiram chegar até Viena (1683).

Desde que os últimos grupos eslavos foram assimilados, os Romenos deram origem a umas formações políticas restritas, que se chamavam *cnezat,* quando eram pequenas, e *voivodat,* quando eram mais importantes, por aglutinação de várias unidades da primeira categoria.

O povo vivia sob a autoridade dum chefe, eleito para exercer a justiça em tempo de paz, e o comando militar em tempo de guerra. Ouve-se falar, às vezes, dêstes *voivodatos* romenos e dos seus chefes. Mas não se podem ainda considerar como um Estado pròpriamente dito. Só após a grande invasão Tártara (1240), é que se conhecem dois grandes principados romenos independentes: a Moldávia, entre os Cárpatos e o Dniester; a Valáquia (Munténia), entre a grande curva do Danúbio e o Mar Negro.

Estes principados nasceram da necessidade de defender a terra contra os tártaros e todos os nómadas vindos de Leste. *Ao nascer, pòlìticamente, a nação romena teve de comprir uma missão de povo de fronteira.*

Com efeito, desde que o pequeno principado de Valáquia (Munténia), fundado e fortificado pela enérgica família dos Basarab, conquistou a independência e repeliu a suzerania húngara, depois de ter aniquilado, em 1330, o exército de Carlos Roberto, nos Cárpatos — assistimos à expansão rápida do Estado nascente, no sentido do

estuário do Danúbio e do Mar Negro. No fim do século XIV, o Príncipe de Munténia intitulava-se «senhor das duas costas de todo o Danúbio até o Grande Mar.» Era a primeira dinastia cristã que se fundava no norte do Danúbio. Alguns anos mais tarde (1343), na Moldávia, foi fundado um segundo estado romeno, pelo príncipe Bogdan, que deixou as suas terras do Norte da Transilvania (província sob a suzerania magiar) e atravessou os Cárpatos, a fim de poder disfrutar de completa liberdade política. A Moldávia adquiriu logo, desde o princípio, um carácter de Estado de fronteira, um carácter de organismo militar defensivo contra as invasões tártaras vindas de Leste. Como escreve, com razão, o Dr. G. Bratianu, «os nómadas vêm sempre de Leste, ao passo que os fundadores do Estado e da Nação encontram o seu apoio nos Cárpatos e descem o curso dos rios, da montanha para o mar» (*La Moldavie,* II éd., 1941, pág. 16). Os *voivodos* da Moldávia ergueram uma série de fortalezas na margem do Dniester, em face do Oriente; de Hotin a Cetatea-Alba, êsses bastiões defendiam as fronteiras do novo Estado cristão contra os nómadas da estepa. *Povos de fronteira,* os Romenos dêstes dois principados entraram na História moderna com uma esplêndida mas esmagadora missão: defender a Civilização e a Cristandade latino-ocidental contra as ameaças turanico-eslavas. Cumpriram esta missão, mas à custa de enormes sacrifícios; durante séculos, os Romenos sangraram-se duma maneira horrível e todavia anónima, em lutas intermitentes com os Turcos e os Uralo-Eslavos. Durante êste tempo, o Ocidente tinha tido tempo de se curar, de se fortalecer, preparando assim a futura hegemonia europeia.

CAPÍTULO II

Momentos essenciais na história dos Romenos

1. A Europa perante o Islão.

As missões históricas dos povos nem sempre têm o mesmo esplendor. Há nações cujo papel na História é tão evidente que nunca ninguém pensou em duvidar dêle. Mas há, também, outras nações, menos felizes, que cumpriram missões bastante ingratas sem que o mundo o soubesse. Podemos falar mesmo dum papel histórico, *manifesto,* como o dos antigos Romanos, e dum papel histórico, *imanifesto,* como o dos seus descendentes na Dácia — os Romenos.

Ignorada ou mal compreendida pelos outros, a vida destas nações é, todavia, profundamente intensa. A sua história não é só trágica, é como que transfigurada, por assim dizer, por uma permanente presença divina. Estes povos não conhecem o repouso, a serenidade, a alegria de *criar no tempo.* Constantemente atacados, estão sempre a defender-se. A sua história é mais do que uma série de lutas pela independência ou pela honra; é uma guerra contínua, que dura séculos, pela vida, pela própria existência. Em cada

uma das suas batalhas, arriscam tudo: o direito de viver, a sua religião, a sua língua, a sua cultura. A cada instante, Deus está com êles, porque podem, a cada momento, desaparecer de maneira total e definitiva.

Os Romenos tiveram êsse papel *imanifesto* na história europeia; conheceram o drama de viver cada instante como se fôsse o último instante da sua vida. Povo de fronteira, suportaram as piores invasões bárbaras, durante o período da sua formação, e, uma vez organizados em Estado, tiveram de defrontar-se, século após século, com outra grande ameaça asiática: os Turcos. Os historiadores modernos descobrem, em nossos dias, o drama dos Romenos e dos outros povos do sudoeste europeu, que sangraram contìnuamente, pelo espaço de cinco séculos, para impedir o colosso islâmico de penetrar no coração da Europa.

O Islão ameaçou duas vezes a própria existência da Europa. A primeira vez foi com a invasão fulminante dos Árabes, que em 711 atravessaram o estreito de Gibraltar, em 713 ocuparam a Espanha e em 720 se apoderaram de Narbonne, ameaçando a Aquitânia.

Só devido à vitória de Carlos Martel, em Poitiers (732), foi salvo o Norte da França; só graças a Carlos Magno os Árabes foram repelidos em Espanha.

A segunda vez, o Islão atacou a Europa pela outra extremidade: Bizâncio e a península balcânica. Não eram já os fanáticos árabes, mas um povo turano-altaico, os Turcos, mais rudes, mais ferozes e infinitamente numerosos. Apareceram na história da Europa, na época da primeira Cruzada, e foi contra êsses Turcos, os Sjeliuskides, que os Cruzados do Ocidente, na sua descida para a Síria e para a Palestina, tiveram de travar alguns dos seus mais violentos combates. Mas,

no século XIII, Gengiskhan repeliu-os até o Eufrates, em cuja região os Turcos pròpriamente ditos proliferaram e se desenvolveram. Uma vez passado o perigo tártaro, os Turcos reapareceram na Ásia Menor. Nessa altura os imperadores bizantinos tinham reconquistado Constantinopla aos Cruzados e estavam bastante fracos para resistir com êxito aos Turcos. Osman atacou-os na Ásia Menor; em 1305, ocupou Niceia e em 1326 tomou-lhes Brussa, onde estabeleceu a capital. Em 1340, os Bizantinos apenas conservavam, nas costas da Ásia Menor, a cidade de Scutari. Os Turcos, aproveitando-se da fraqueza e da desorientação do mundo cristão, progrediram sem cessar. Em 1346, instalaram-se na Trácia; em 1360, transferiram a sua capital para Adrianópola; em 1389, venceram os Sérvios em Kossovo; em 1393, apoderaram-se de Tirnovo, a capital búlgara. E à medida que se multiplicavam os seus êxitos, crescia a sua barbaridade: matanças, pilhagens, destruïção de igrejas, deportação de povos, conversão violenta das gentes ao islamismo, tudo isto se repetia, freqüentemente, no sudoeste europeu.

O historiador belga Henri Pirenne demonstrou na sua obra, já clássica, *Mahomet et Charlemagne* (Paris - Bruxelles, 1937), que as invasões germânicas não acabaram com a unidade mediterrânica do mundo antigo, que só foi destruída com o avanço rápido e imprevisto do Islão, no século VIII. «Esse avanço teve por conseqüência separar, definitivamente, o Oriente do Ocidente, pondo têrmo à unidade mediterrânica. Países como a África e a Espanha, que tinham continuado a participar da comunidade ocidental, passaram daí em diante a gravitar na órbita de Bagdad. São outra religião e outra cultura que aparecem em todos os domínios. O Mediterrâneo ocidental, convertido em lago muçulmano, deixa

de ser a via das trocas e das idéias que sempre fôra até então» *(op. cit.,* pág. 260).

Uma vez quebrada, no século VIII, pelo advento do islamismo no Mediterrâneo e na península ibérica, a unidade europeia ficou ameaçada de desaparecer, definitivamente, com o avanço fulminante dos Turcos no século XIV. O perigo islâmico era dessa vez ainda maior do que seis séculos antes. Ameaçava cortar as comunicações directas entre Constantinopla e o Ocidente, e, aniquilando as formações políticas dos Romenos, dos Húngaros e dos Polacos, interceptar o caminho para o centro da Europa. Era, aliás, seguir na esteira dos Tártaros, dos Hunos e dos Avaros, embora o ponto de partida fôsse diferente. Que faziam, entretanto, os grandes poderes europeus? Como de costume não se entendiam. Durante o século XIII, o conflito armado entre os Cruzados ocidentais e o imperador bizantino tinha consideràvelmente enfraquecido o Império de Constantinopla. As intrigas e as revoluções palacianas, as querelas teológicas e as traições estavam conduzindo Bizâncio à beira do precipício. Ninguém compreendia a gravidade do perigo. Para satisfazer ambições pessoais, certos príncipes chegavam a aliar-se com o adversário da Cristandade. Em 1343, o imperador Cantacuzene, em guerra com João Paleólogo, que o queria destronar, dava a sua filha em casamento a um turco para ter o seu apoio contra o rival. Dois anos mais tarde, os Turcos punham pé na costa da Europa...

No Ocidente, só quando os Turcos se aproximaram do Danúbio, se começou a compreender a gravidade e a iminência do perigo. E, infelizmente, só o Papa o compreendeu; os outros, reis, príncipes e barões — continuaram com as suas demandas e o seu jôgo de ambições ridículas. Quando se decidiram à luta, faltou-lhes unidade de comando — como demonstraremos — e não puderam repelir a ameaça turca. Felizmente que no Danúbio estavam os príncipes romenos, que sustentaram a luta até o limite das suas fôrças, durante séculos.

A História julgou — mas muito mais tarde! — as conseqüências dos conflitos entre Bizâncio e os Cruzados e do desinterêsse das fôrças políticas ocidentais pela ameaça asiática, na península balcânica. Constantinopla e os Estreitos ficaram perdidos para a Europa; uma grande parte do continente viveu, séculos, separada da cultura ocidental; alguns povos cristãos pagaram com sangue e inúmeros sacrifícios e sofrimentos a falta de visão dos chefes políticos ocidentais. Só o Papa compreendeu que a invasão turca assinalava o aparecimento, na História, duma terrível fôrça asiática que podia, verdadeiramente, abalar e até destruir a Europa.

2. Mircea o velho (1386-1418), Grande Voivodo de Munténia.

O povo romeno da antiga província da Dácia tinha-se organizado em três formações políticas: o Grande Voivodato da Munténia (Valáquia), o Grande Voivodato da Transilvania, êste sob a suserania da coroa húngara, e o Grande Voivodato da Moldávia. Os Cárpatos, espinha dorsal do povo romeno, asseguraram, durante a terrível tormenta das invasões bárbaras, a sobrevivência da população da Dácia, mas, ao mesmo tempo, facilitaram a pluralidade das organizações políticas. A tendência destas formações foi unificarem-se num só Estado, tal como sucedeu, várias vezes, na História, muito tempo antes da União

dos dois principados danubianos (1866) e da união da Transilvania (1918). Mas diversas vicissitudes impediram, durante séculos, que se realizasse esta tendência natural. Apreciaremos algumas.

Vendo os Turcos avançar, através da península balcânica, até o Danúbio, o príncipe de Munténia compreendeu a iminência do perigo e não esperou ser atacado para os combater. Em Munténia reinava, nesse tempo, um dos maiores soberanos que o povo romeno tem tido: Mircea, cognominado «o velho», por causa do seu longo reinado. Com efeito, a política externa de Mircea era dominada só por uma preocupação: o perigo islâmico; — e só perseguia um fim: a aliança cristã. Quando, em 1389, o voivodo dos Sérvios, Lázaro, se encontrava em guerra com o Sultão Murad, Mircea enviou um contingente de tropas romenas para auxiliar o príncipe vizinho. A batalha, que se tornou famosa, deu-se em Kossovo, e, embora o sultão houvesse sido assassinado na sua tenda por um sérvio fanático, seu filho, Bajazid, «o Raio», tomou o comando do exército e os cristãos foram esmagados. Lázaro encontrou morte heróica no campo de batalha. A Sérvia foi conquistada, tornou-se província turca e só recuperou a independência cinco séculos mais tarde. Em 1393, Bajazid alcançou vitória retumbante sôbre os Búlgaros e a Bulgária foi transformada em *pashalâc* (província turca).

Mircea compreendeu que se aproximava a sua vez. Fortificou o Danúbio, tomou medidas de defesa. O ataque de Bajazid ocorreu em 1394 e os dois exércitos encontraram-se em Rovine. A batalha foi violentíssima e os Turcos foram repelidos com pesadas perdas. Mas o exército romeno era muito fraco para fazer frutificar a vitória e liquidar os restos das fôrças maometanas. Tempos depois, Mircea foi atacado de novo com fôrças numèricamente superiores e teve de bater em retirada. Assinou um tratado de aliança com Sigismundo, rei da Hungria, e os dois exércitos conseguiram repelir os Turcos do Danúbio.

Estes acontecimentos tiveram grande repercussão no Ocidente. A conquista da Sérvia e da Bulgária tinha alarmado todos os soberanos europeus. Mas, ao mesmo tempo, a resistência de Mircea, provava-lhes que os muçulmanos não eram invencíveis. Era tempo de intervir. O espírito de Cruzada reanimou-se. Sigismundo anunciou uma grande expedição contra Bajazid. Começaram a aparecer contingentes de cavaleiros de todos os pontos da Europa: o duque de Borgonha, com 6.000 cavaleiros; depois, os Franceses, os Germânicos e os Ingleses, sob o comando do duque de Lencastre. Veneza ofereceu a sua armada. O Imperador de Bizâncio entrou também na coligação. Um exército de 100.000 homens dirigiu-se, no verão de 1396, para o Danúbio. De todos os cavaleiros nenhum conhecia a estratégia de Bajazid. Sômente Mircea, que já o tinha afrontado, a conhecia e por isso ofereceu-se resolutamente, com os seus Romenos, para o atacar no grande campo de batalha de Nicópolis. Mas o duque de Borgonha pediu essa honra para si e para os seus cavaleiros. Com efeito, avançou corajosamente para o meio dos Turcos. Mas foi cercado e feito prisioneiro, com as suas tropas, que foram dizimadas. Este desastre teve enormes repercussões no exército cristão. O rei Sigismundo atacou, a seguir, mas as suas tropas foram cercadas e dizimadas e êle próprio a custo escapou. A batalha de Nicópolis acabou com um desastre completo para os cristãos. Poucos escaparam à catástrofe, porque até os prisioneiros foram chacinados pelos Turcos.

A coligação cristã derruiu. Mircea ficou à espera das inevitáveis represálias. Efectivamente, um ano depois, em 1397, o exército turco atravessou o Danúbio e atacou os Romenos. E o que não conseguiram os valorosos contingentes europeus conseguiu-o o príncipe romeno com os seus camponeses: os Turcos foram vencidos e tiveram de bater em retirada, desordenadamente. Em 1400, Mircea venceu mais uma vez; dum exército turco de 60.000 homens, que tinha realizado uma incursão na Hungria e pretendia atravessar a Munténia, só 6.000 conseguiram regressar às suas bases. Estas vitórias deram ao príncipe romeno um período de tranqüilidade.

Como explicar tal milagre? É preciso ver que, acima de tudo, os Romenos combatiam pela sua terra e pela sua vida, ao passo que os contingentes de cavaleiros europeus, em Nicópolis, estavam apenas animados de ideais feudais e de glória e distinção militares. Além disto, Mircea conhecia a maneira de guerrear os muçulmanos e as surprêsas estavam desde logo excluídas. Também se não deve esquecer que Mircea, como todos os chefes militares romenos, tinha à sua disposição um exército formado de camponeses. Destruídos, havia muito tempo, a vida citadina e os grandes centros municipais pelos bárbaros, os principados romenos não conheciam a cavalaria feudal. O país não era defendido por um escol militar, mas por todo o povo. Isto quere dizer que o príncipe podia contar com um exército rural muito numeroso, que não custava quási nada, visto cada camponês trazer armas e víveres. Uma vez acabada a guerra e o invasor repelido, regressava à sua tarefa hereditária. A maior parte das vezes, evidentemente, tinha de refazer o seu lar, porque, de ordinário, encontrava a sua aldeia destruída e a parentela dispersa. Os Romenos, como os seus antepassados, os Dácio-Romanos, durante as grandes invasões bárbaras, praticavam a defesa passiva; as mulheres, os velhos e as crianças, com os víveres que podiam transportar consigo, refugiavam-se nas florestas ou nas montanhas, e se a aldeia se encontrava no caminho do invasor, pegavam-lhe fogo, obstruiam os poços de água, destruiam os cereais que não podiam guardar em esconderijos subterrâneos. Esta vida de trágico provisório durou séculos, mas salvou a existência nacional do povo romeno e decuplicou o seu poder de resistência.

Após a vitória obtida em 1400, Mircea reorganizou o país, promoveu o comércio com os povos ocidentais e erigiu vários mosteiros. Morto Bajazid, no cativeiro (1403), em poder do *han* dos Mongóis, Timur-Lenk, os filhos começaram a lutar entre si por causa da sucessão. O voivodo romeno já tinha então fôrça bastante para se ingerir na política interna maometana. Sustentou a candidatura de Mura, eleito efectivamente Sultão, em 1411. Foi o período de glória do príncipe romeno. Infelizmente durou muito pouco tempo; em 1413, outro filho de Bajazid, Mahomed, ganhou o trono. As guerras entre Turcos e Romenos recomeçaram. Em 1417, Mahomed atacou as fortalezas do Danúbio e o seu exército penetrou na Munténia. Velho, sòzinho diante do invasor, Mircea foi obrigado a reconhecer a superioridade do adversário. Comprometeu-se, por isso, a pagar um tributo anual conservando o país a liberdade interna total. Um ano depois, Mircea morreu.

Princeps inter christianos fortissimus et acerrimus, assim lhe chama um cronista turco (Leunclavius, *Historia Musulmana,* 1591, col. 418). Era, com efeito, o mais valoroso e o mais hábil

de todos os príncipes cristãos, visto que conseguiu, pela sua tenaz resistência militar, apesar da sua derrota final, manter a integridade territorial e a autonomia política romena. Adoptando a resistência a todo o transe diante duma ameaça que parecia insuperável, *Mircea salvou a própria existência do estado romeno de Muntênia.* A política externa de todos os príncipes da Munténia estava fixada: resistir ao máximo, até o limite das fôrças, e só aceder a qualquer acto de submissão quando os Turcos estivessem dispostos a não exigir nenhuma condição humilhante, contentando-se com a cobrança anual de um tributo em dinheiro.

3. O espírito de cruzada: João Corvin e Estêvão o Grande.

A resistência aturada de Mircea não salvou sòmente a existência do estado de Munténia; deu também tempo de se formar e fortificar o estado romeno da Moldávia, para se defender de qualquer eventual ataque turco. O grande príncipe da Moldávia, Alexandre o Bom (1400-1432), teve ensejo de organizar o país, durante o seu longo e relativamente pacífico reinado. Praticou uma política abertamente defensiva para evitar ser aniqüilado pelos seus poderosos vizinhos: a Polónia e a Hungria.

Infelizmente os sucessores de Mircea e de Alexandre não souberam manter a glória dos predecessores. Nos dois estados romenos começou a haver lutas pelo trono. Como o sistema de sucessão não era suficientemente preciso nem rigoroso, qualquer filho de príncipe podia reivindicar para si o trono. E apoiava as suas pretenções no concurso de alguns *boiardos* ou no

auxílio de fôrças estrangeiras. Essas revoluções palacianas, essas intrigas e lutas pela sucessão, fizeram muito mal aos dois principados. A Moldávia pagava, em 1451, um tributo ao Sultão, só porque o príncipe receava pela sorte do trono...

Mas o espírito de Cruzada subsistia. Observa-se mesmo um certo ritmo nesta acção defensiva dos Romenos perante o Islão: cada um por sua vez, os três principados romenos tomaram a ofensiva e sustentaram a luta contra os infiéis. Depois da Munténia de Mircea, foi a Transilvania de João Corvino que passou ao ataque. João, filho de Voicu, valoroso chefe romeno, tornou-se senhor dum domínio real em Hunedoara. Foi João Corvino de Hunedoara, grande voivodo da Transilvania, que, em 1442, bateu dois exércitos turcos, penetrou com as suas tropas no coração dos Balkans (1443) e defendeu, vitoriosamente, a fortaleza de Belgrado (1456) contra Mahomed II, o conquistador de Constantinopla. João Corvino de Hunedoara polarizou a energia de todos os Romenos da Transilvània. Até das regiões de Maramures recebeu contingentes de camponeses romenos, comandados por chefes valorosos, como Simion de Cuhea, Gheorghe Mares, Mihail al Tatului, Bogdan de Zalova, Dan Susca, etc. João Corvino adquiriu enorme influência nos dois outros principados romenos. O príncipe moldávio Bogdan escrevia-lhe, em 1450: «O meu país e o teu país, que são um só país». A glória de João Corvino espalhou-se por tôda a Europa, por ser o único príncipe cristão que resistia ao conquistador de Constantinopla, Mahomed II. *Ab unico Christi fortissimo athleta Iohanne voivoda,* «o mais valente atleta de Cristo», dizia dêle o Papa Calisto III. E o Papa Pio II, num dos seus escritos, recorda a nacionalidade romena dêste herói: *non tam Hungaris*

quam Valachis ex quibus natus erat, gloriam auxit, aumentou não só a glória dos Húngaros como, e muito mais, a dos Romenos, seu povo.

No próprio ano da morte de João Corvino (1456), subiu ao trono de Munténia um dos mais encarniçados adversários do Crescente, Vlad, o «Empalador», assim cognominado por causa do modo como fazia perecer os inimigos — pelo suplício da empalação. Em 1462, atacou os exércitos turcos do Danúbio, aniqüilou-os e espalhou um terror tal que, segundo o testemunho dum contemporâneo, «considerava-se feliz o que podia passar para a Anatólia». Tal afronta não podia, evidentemente, passar sem represálias. O Sultão Mahomed II, que tinha conquistado Constantinopla, não podia suportar o insulto feito por um pobre príncipe romeno. No mesmo ano, atacou-o com um exército considerável (o cronista bizantino Chalchondillas aponta o número de 250.000, que é sem dúvida, exagerado). Vlad dispunha sômente de 10.000 soldados, mas conhecia de tal maneira a táctica de guerrilhas que infligiu pesadas perdas ao adversário. O exército de Mahomed começou a sofrer falta de víveres, porque Vlad atacava, incessantemente, as vias de abastecimento. O Sultão decidiu retirar. Infelizmente, um irmão de Vlad, Radu o Belo, aceitou a suserania muçulmana e usurpou o trono. A carreira de um dos mais valorosos príncipes romenos foi cortada por um acto de felonia...

Entretanto, a missão de defender a cristandade passava para as mãos do príncipe da Moldávia, Estêvão, cognominado o Grande. Com efeito, eis o maior chefe dos Romenos que a história conhece. Estêvão foi não só um herói, que sustentou durante o seu longo reinado (1457--1504) algumas 40 guerras — a maior parte das quais vitoriosas! — como um político prudentíssimo e um visionário que compreendeu, melhor que todos os contemporâneos, a missão histórica do povo romeno. Era ainda muito novo quando conquistou o trono de seu pai, usurpado por outro. Mas já se sentia chamado para cumprir uma pesada e gloriosa tarefa: tomar para o seu país a herança de Bizâncio. De facto, a queda de Constantinopla, em 1453, produzira no mundo cristão emoção extraordinária. A ortodoxia oriental ficou sem protector, porque os Gregos, os Búlgaros e os Sérvios estavam sob o jugo turco, e os Russos estavam ainda longe de contar como grande fôrça política. Os únicos cristãos ortodoxos que tinham conservado a autonomia política eram os Romenos. Tributários — e ainda assim com intermitências — da Porta, conservavam, todavia, a sua independência. O príncipe Estêvão quis fazer mais ainda: *não só receber passivamente a herança de Bizâncio, mas refazer o Império cristão do Oriente; isto é, recomeçar a Cruzada, não de Constantinopla, mas da Moldávia.*

Os voivodos romenos exerciam, havia muito, a função de defensores da cristandade oriental: protegiam os mosteiros e as igrejas da península balcânica, especialmente da Grécia (os célebres mosteiros do Monte Athos), sustentavam o clero, em tôda a parte, nos países ocupados pelos Turcos, acolhiam os religiosos refugiados, etc. A cultura bizantina, extinta no seu foco original, renascia sob uma forma mais brilhante nos países romenos. Esta cultura, deve-se recordar, não era exclusivamente grega na sua estrutura; era também latina.

Estêvão quis reanimar no seu país a glória de Bizâncio, prostrada sob os golpes do Crescente. Sonhava reconquistar Constantinopla à frente duma nova cruzada. Mas não era um so-

nhador. Avaliava a dificuldade da tarefa e só desvendava o seu plano por etapas. Depois de haver batido o rei da Hungria e consolidado as fronteiras do lado dos vizinhos cristãos, Estêvão atacou as guarnições da Munténia. As represálias não se fizeram esperar. Em 1474, um exército de 120.000 homens, sob o comando dum célebre general, Solimão-Pachá, transpôs o Danúbio, em Braila, e preparou-se para invadir a Moldávia. Estêvão contentou-se em incomodar o inimigo, sem se decidir ao ataque. Mas, num local escolhido de antemão, entre pântanos, no sopé da colina onde hoje se ergue a cidade de Vaslui, aproveitou-se do espêsso nevoeiro e deu ordem de atacar. O grosso das suas tropas estava emboscado nas florestas. Do outro lado concentrou, atrás dos pântanos, um destacamento, cuja importância, por causa do nevoeiro, era difícil de avaliar, o qual foi encarregado de abrir o ataque. Os Turcos, convencidos da sua superioridade, lançaram-se ao assalto naquele sentido. Foi então que Estêvão, com as tropas emboscadas, caíu sôbre êles, e, colhendo-os de revés, desorganizou-lhes a *impedimenta*, fazendo nêles grande matança. Rezam as crónicas que 40.000 Turcos foram mortos, diversos *pachás* feitos prisioneiros e inúmeras bandeiras capturadas. Os sobreviventes bateram em retirada até o Danúbio, perseguidos pela cavalaria moldava, dizimados pelo frio e pela fome. A perseguição durou quatro dias e a prêsa foi enorme.

«Numa época em que o prestígio militar dos Turcos era imenso, em que os seus progressos assustavam tôda a Europa, a retumbância desta vitória devia ser considerável. Dum dia para o outro, Estêvão e os seus moldavos, que mal se conheciam até ali no ocidente, tornavam-se célebres em todo o continente. O pequeno principado, de independência precária, nos flancos dos Cárpatos, tornava-se para a Cristandade um Estado sôbre o qual mais de um político fundava esperanças» (Beau de Loménie, *Naissance de la Nation Roumaine*, 1937, pág. 162).

Uma vez vencedor, o príncipe romeno deu ordem para que se fizesse, em todo o país, preces públicas para agradecer a Deus, e um jejum colectivo de 4 dias, a pão e água. Fêz erigir, também, um mosteiro, porque, crente como era, atribuía sempre a Deus a honra do triunfo.

Recompensou os que se distinguiram na batalha. Por último, ordenou que fôssem empalados, solenemente, alguns dos principais prisioneiros. «Como diversos dentre êles oferecessem enormes quantias para se resgatarem, respondeu-lhes: — Se sois tão ricos, porque viestes ao meu pobre país?» (Loménie, *op. cit.*, pág. 163).

Mas Estêvão previa a vingança do Sultão e apressou-se a preparar a defesa do país contra um novo ataque. Sabia muito bem que só com as tropas moldavas não podia resistir. Era necessário receber reforços de todos os pontos da Cristandade, reanimar o espírito de Cruzada. Por essa razão, dirigiu a todos os príncipes da Cristandade uma carta em que lhes anunciava a sua recente vitória e fazia compreender, ao mesmo tempo, a necessidade duma colaboração militar europeia. Contava como «o imperador dos Turcos, que todos os dias medita como poderá submeter e aniqüilar tôda a Cristandade», tinha mandado contra êle Solimão-Pachá, com um exército de 120.000 homens. «Ao receber esta notícia, empunhei o meu sabre e, com a ajuda de Deus todo poderoso, lancei-me contra os inimigos dos cristãos, venci-os e pisei-os e passei-os ao fio do meu sabre, pelo qual bemdito seja Deus Nosso Senhor. Sabendo isto, o infiel Im-

perador dos Turcos resolveu vingar-se e vir para o mês de Maio, êle próprio, com tôdas as suas fôrças, contra nós, para submeter o nosso país, que é a porta da Cristandade e Deus protegeu sempre até hoje... Mas, se esta porta se perder, — Deus queira que não! — nesse caso tôda a Cristandade correrá grande perigo. Por esta razão, vos pedimos para nos enviardes os vossos capitãis como ajuda contra os adversários da Cristandade, e isto o mais depressa possível... Pelo que nos toca, comprometemos-nos, pela nossa fé cristã, a ficar de pé a lutar até o fim pela religião cristã. Igual coisa deveis fazer, na terra e no mar, até que tenhamos, com a ajuda de Deus todo poderoso, cortado a mão direita do inimigo.»

É raro encontrar-se, entre os documentos da época, testemunho tão claro da *consciência da missão histórica e do espírito de Cruzada,* como esta carta que o príncipe romeno dirigiu aos soberanos da Europa. Nunca se acentuará demais a consciência com que Estêvão lutava *por tôda a Cristandade* e, que o país romeno era, como é, uma *porta* entre dois mundos: a barbárie e a civilização cristã. «Se esta porta se perder... então, tôda a Cristandade correrá grande perigo!» No século seguinte, infelizmente, verificou-se a predição do príncipe romeno. Hoje compreendemos melhor que o espírito das Cruzadas estava morto e bem morto, ao findar do século XV. Estêvão esperou, em vão, reanimar e refazer o Império cristão do Oriente. A carta enviada aos soberanos europeus não deu qualquer resultado positivo. O Papa felicitou-o pela «sua diligência e pelo seu zêlo em defender a fé cristã e combater a pérfida seita dos Turcos» e deu-lhe o título de «atleta de Cristo», mas desculpou-se de não poder mandar dinheiro senão no ano se-

guinte, «por causa dos encargos que de momento pesavam sôbre êle». E o dinheiro que enviaram a Estêvão de outros pontos foi confiscado pelo rei da Hungria.

Evidentemente que, passado o momento de geral regozijo, após a retumbante vitória de Estêvão, as intrigas recomeçaram, as ambições dividiram, por tôda a parte, o mundo cristão. Do outro lado, não se perdia tempo. O Sultão Mahomed II, em pessoa, à frente de enorme massa de homens, pôs-se em marcha, para o aniqüilar, contra o arrogante príncipe que tivera a coragem de o ofender. Dessa vez, a expedição começou por atacar duas fortalezas navais, Chilia e Cetatea Alba, que dominavam as costas do Mar Negro, e pela conservação das quais correu, através dos séculos, tanto sangue romeno. Os Turcos sitiaram em vão as fortalezas, sem conseguir tomá-las. Em seguida, decidiram internar-se pelo país. Só encontravam diante de si cinzas e ruínas. Avançavam num país assolado, deserto, hostil. Estêvão estava só, com o seu exército de campónios. Teve mesmo de os licenciar, porque os Tártaros tinham invadido o país do lado este e era necessário deixar os camponeses defender as suas terras. Dispondo sòmente de 10.000 homens, Estêvão esperou o exército turco em Valea Alba, perto das montanhas. Em 25 de Julho de 1476, atacou de surprêsa, esperando provocar o pânico entre os inimigos, mas os Turcos refizeram-se e contra-atacaram, repelindo as tropas romenas para os bosques. A partida estava perdida de antemão e a resistência encarniçada dos cavaleiros de Estêvão só fazia com que aumentassem as perdas. Com alguns pequenos grupos, o príncipe refugiou-se nas montanhas.

O sultão tinha o caminho livre até Suceava,

capital da Moldávia. A cidade foi tomada e incendiada, mas a fortaleza resistiu ao cêrco.

O mesmo aconteceu com as outras duas praças moldavas, Hotin e Neamtu, que resistiram aos mais furiosos ataques. Entretanto, Estêvão errava através das montanhas, tentando reagrupar as suas fôrças. Em breve recomeçaram as guerrilhas, os exércitos turcos viram-se acossados, os seus reabastecimentos foram destruídos. A fome começava a fazer-se sentir e depois veio a peste dizimar as tropas do invasor. Sem haver conseguido dominar a resistência moldava, Mahomed deu ordem de bater em retirada. Foi então que os camponeses e os cavaleiros de Estêvão começaram a perseguir aquela massa exausta e dizimada, prolongando a chacina até as fronteiras. O formidável exército de Mahomed II, o conquistador de Constantinopla, era uma sombra do que fôra. Estêvão conservou o seu trono e a Moldávia as suas fortalezas, as suas fronteiras e a sua autonomia.

Mas a experiência tinha sido dura e decisiva. Estêvão compreendeu que o espírito das Cruzadas desaparecera de vez. Com efeito, os poderes europeus começaram a entender-se com o adversário da cristandade. Em 1476, o Rei Casimiro da Polónia chegou a um entendimento com o Sultão; os Venezianos fizeram a paz em 1479; a Hungria assinou, em 1483, um tratado de não agressão, por cinco anos, com os Turcos. Debalde Estêvão escrevera, em 1478, ao Doge de Veneza, lembrando-lhe que as promessas que lhe haviam sido feitas não tinham sido cumpridas, «porque os príncipes cristãos lutavam entre si, em vez de se unirem contra o infiel». Em vão lhes recordava que, «devido a êle, muitos cristãos viviam em paz havia quatro anos»; que os dois portos fortificados de Chilia e Cetatea Alba eram as duas vias de acesso ainda abertas no Mar Negro às nações cristãs, dois portos graças aos quais «a Moldávia é um baluarte para a Hungria e para a Polónia». Em vão escrevia, com desespêro:

— «Se Vossa Senhoria não me ajudar, só me resta encarar duas hipóteses: ou o meu país se perderá ou terei de me submeter aos Turcos... A esta solução nunca me resignarei. Preferiria morrer cem mil vezes. Deposito em vós tôdas as minhas esperanças!»

Em 1484, o sultão Bajazid, sucessor de Mahomed II, encontrou o caminho livre contra Estêvão. Cercou as duas fortalezas navais, os dois únicos pontos fortes da Cristandade no Mar Negro, e conseguiu conquistá-las. A sua perda foi terrível para o príncipe moldávio. Acedeu mesmo a humilhar-se diante do Rei da Polónia, sòmente para encontrar um aliado. Mas em 1486, estava de novo sòzinho e saía mais uma vez vitorioso, em Scheia. Última vitória contra os Turcos. Em lugar de o ajudarem, os Polacos assinaram um tratado de paz com o sultão, em Kolomea, no ano de 1489. Três anos mais tarde, o valoroso «atleta de Cristo», com as suas fortalezas navais tomadas, viu-se obrigado a pagar um tributo ao sultão (1492)...

O resto da sua vida passou-o Estêvão a tentar fortificar o país do lado dos seus vizinhos cristãos. Possuía, na Transilvânia, dois pequenos distritos, Ciceiul e Cetatea de Balta. Após uma guerra vitoriosa contra a Polónia, começada com o ataque do novo Rei polaco, João Alberto, Estêvão ficou senhor duma província, ao norte da Moldávia, Pocutia. Mas, desiludido do seu sonho — a Cruzada contra o infiel — a vida dêste grande príncipe cristão aproximava-se do fim. Abriu-se-lhe uma velha ferida, que o médico ve-

neziano em vão queimava com ferro em brasa. Estêvão morreu em 1504, com 70 anos. Chorou-o todo o país, como se soubesse que o seu melhor príncipe desaparecera...

4. Miguel o Bravo e a união de todos os principados romenos.

Vinte anos depois da morte de Estêvão o Grande, começou-se a compreender o papel dos países romenos na defesa da Cristandade ocidental da Europa. Efectivamente, os Turcos, uma vez submetido o baluarte romeno, preparavam-se para atacar a Hungria e a Europa central. O último rei húngaro, Luiz II, fêz esforços desesperados para salvar o seu Estado enfraquecido pelos abusos das classes privilegiadas. Procurou o apoio do rei da Polónia e recordou, com saüdade, a fôrça da Moldávia, «fortaleza e muralha de defesa da Hungria e da Polónia» *(Terra illa est velut propugnaculum et antemurale tam regni Ungariae quam Polonie)*. Era sempre entre os Romenos da Transilvania' que o rei encontrava os seus mais valentes chefes militares. Os nobres romenos Fiatu e Racovita receberam terras em recompensa da sua coragem (1519). Em 1521, o chefe do distrito de Severin era o romeno Nicolau Garliste. João Drag, morto heròicamente na batalha de Mohacs, era o segundo nobre do reino, que seguia imediatamente após o Palatino.

Mas uma defesa do centro europeu não se podia improvisar. As verdadeiras fortalezas — as terras romenas — estavam já perdidas. Em Mohacs, em 1526, o sultão Solimão o Magnífico aniqüilou não só o exército como também o Estado húngaro. O rei e a fina flor da aristocracia encontraram a morte nessa sangrenta e

decisiva batalha. O reino húngaro deixou de existir, dividido em três partes: a região de Vest foi tomada por Fernando, irmão de Carlos V; a Hungria pròpriamente dita, com a sua capital Buda, tornou-se possessão turca *(pashalâc)*, e a Transilvânia ficou convertida em principado tributário da Porta, com os seus príncipes confirmados pelo sultão.

Todos os três países romenos — Moldávia, Munténia e Transilvania — se encontraram logo na mesma condição: tributários da Porta, mas tendo, ao menos, liberdade para se organizarem à sua maneira. Esta organização política podia um dia chegar à unidade dos três países — era o que receava Solimão *(omnia haec regna in unnum coirent)* e por isso mantinha fortes guarnições junto das fronteiras. Pelo menos o bloco romeno começava a ser reconhecido como fôrça política séria. Foi então que os soberanos da Europa se lembraram da origem latina dêste povo. Fernando de Habsburgo escrevia ao arcebispo transilvano Olahus (— Valachus): «... Eis as raças mais célebres entre as quais está, também, a dos teus antepassados, os Romenos. Os teus parentes, tôda a gente sabe que descendem dos Romanos, os senhores do mundo; por isso se chamam Romenos. Os da tua raça primam pela bravura e têm dado famosos capitãis, como João Corvino de Hunedoara e o rei Mateiu...».

Com efeito, êsses capitãis continuaram a aparecer na história romena do século XVI. Na Moldávia, um sobrinho de Estêvão o Grande, Stefanuta (1517-1527), venceu diversas vezes os Turcos. Outro príncipe, Petru Raresh (1527-1538; 1541-46), filho bastardo de Estêvão, teve um conflito armado com Solimão. Mas foi, sobretudo, João o Valente (1572-74), — que atravessou, como um bólido, a História da Moldávia e

se tornou memorável pelo seu génio militar e pela sua extraordinária coragem —, que pensou a sério em liquidar a suserania turca. Os seus êxitos, tendo em conta o número mais que modesto das suas tropas, parecem incríveis. Aniquilou diversas vezes grandes exércitos e nunca foi vencido. Pereceu tràgicamente, em conseqüência duma traição, assim como havia de perecer, alguns anos mais tarde, um dos maiores príncipes romenos, Miguel o Bravo.

Este príncipe subiu ao trono da Munténia em 1593, num momento em que a Europa parecia preparar-se a reagir de novo contra o Crescente. Com efeito, o imperador Rodolfo II, inspirado pelo Papa e aconselhado pelos jesuítas, criou a Liga Anti-Islamita, com a ajuda dos principados da Moldávia e da Transilvania. Miguel aderiu, de todo o coração, a esta política anti-muçulmana, recusou-se a pagar impostos a Constantinopla e, em 1594, obteve as primeiras vitórias contra os Turcos. Um ano depois, batia um exército considerável, em Calugareni (1595). Foi esta vitória que lhe criou grande fama em todo o mundo cristão e lhe valeu a estima do imperador Rodolfo II. Alguns anos mais tarde, o seu país gozava de perfeita liberdade. Mas, em 1599, o príncipe da Transilvania, Sigismundo Bathory, renunciou ao trono em favor de seu irmão André, que se encontrava em relações estreitas com a Polónia e queria, inspirado por ela, concluir a paz com o sultão. Isto significava que Miguel estava em riscos de ficar cercado. Mas o valoroso príncipe, vendo o perigo, pediu licença ao imperador, atravessou os Cárpatos, bateu os exércitos de Bathory em Selimberg (1599) e proclamou-se voivodo da Transilvania. Como na Moldávia acabara de subir ao trono um príncipe que acedia a pagar tributo aos Turcos e estava influenciado pela política anti-Cruzada dos Polacos, Miguel entrou com as suas tropas no país vizinho, ocupou-o sem luta e expulsou o príncipe. Em 1600, Miguel o Bravo era o chefe político de todo o povo romeno, que vivera até ali, desde o alvorecer da história moderna, dividido em três principados. «A Transilvania, a grande paixão da minha vida», escrevia Miguel o Bravo...

Compreendera que, para realizar a sua missão histórica, a nação romena devia estar reünida num só Estado. Compreendera que só êsse Estado podia constituir obstáculo definitivo contra o ataque muçulmano. «Tudo o que eu fiz foi pela fé cristã — escrevia Miguel — vendo o que se passa todos os dias com os pobres cristãos. Comecei a elevar com muita dificuldade êste pobre país, que é o meu, para fazer dêle um *escudo de todo o mundo cristão*». A idéia da missão histórica da Roménia como fortaleza do Ocidente cristão, esteve sempre viva na consciência de todos os grandes príncipes romenos. Mas foram precisos séculos para que o mundo compreendesse a necessidade histórica da unidade dos principados romenos, sem a qual não se pode edificar nada de durável, tanto na Europa central como oriental. Miguel foi assassinado à traição, em 1601, por um general austríaco e a unidade dos Romenos de novo ficou adiada. Mas a História vinga-se. Vinte anos depois da morte de Estêvão o Grande, os Turcos destruíram o reino húngaro e transformaram Buda em *pashalâc*. Oitenta anos depois da morte de Miguel o Bravo, os exércitos turcos cercaram Viena (1683). Só então se compreendeu o papel desempenhado pelos Romenos, que infligiram golpes terríveis ao invasor, que retardaram de alguns séculos a sua

marcha vitoriosa para o coração da Europa, que nunca negociaram com o seu sangue, para a salvação da cultura cristã e da civilização ocidental.

5. Preparação dos tempos modernos.

O século XVII assinalou uma época brilhante na história da cultura romena. Deu-se um amplo renascimento artístico, que atingiu a culminância com o chamado estilo «de Brancovanu». Ocuparam, diversas vezes, o trono, príncipes cheios de qualidades políticas e morais: Matei Basarab (1635-54) por exemplo, Vasile Lupu (1634-53), Serban Cantacuzino (1676-88) e Constantino Brancovanu (1688-1714). Este último celebrizou-se pelas suas obras culturais e administrativas. Brancovanu era, também, um bom cristão e como tal morreu, decapitado, em Constantinopla, depois de ter assistido ao assassínio dos seus quatro filhos, perpetrado diante dos seus olhos, por se recusar a trair a sua fé e a sua pátria.

Mas, durante êsse tempo, outra fôrça política preparava-se para entrar na História: os Russos. No pleito entre Turcos e Moscovitas, os Romenos começaram a tomar partido pelos cristãos. O colosso muçulmano encontrava-se, aliás, em declínio. A contra ofensiva dos poderes ocidentais estava em marcha; em 1686, Buda era conquistada; depois da paz de Karlowitz, os austríacos conquistaram a Hungria e a Transilvânia. Sob o govêrno de Pedro o Grande, os Russos tentaram aproximar-se da foz do Danúbio, mas foram repelidos. Foi justamente porque o príncipe romeno dêsse tempo, Demétrio Cantémir (1710-1711) — um dos mais ilustres sábios do seu século — tinha passado para o lado russo, que os Turcos, não tendo confiança nos voivodos

autoctones, eleitos pelo próprio povo, decidiram enviar príncipes estrangeiros. A maioria dêles eram Gregos; alguns Romenos conseguiram, todavia, reinar. Foi o triste período dos Fanariotas, que durou um século. Triste, não porque se nomeassem os príncipes directamente de Constantinopla (alguns revelaram-se admiráveis governantes), mas porque a sua presença contribuiu para a decadência das antigas virtudes romenas. Com o tempo, o exército deixou de existir como fôrça nacional. A aristocracia mudou de função social; em vez de ser, como antes, proprietária de terras, converteu-se numa classe de funcionários adstrita à côrte do príncipe.

Durante êste período, a Roménia perdeu, pela primeira vez na sua história, territórios que soubera sempre defender no decurso dos séculos. Em 1775, os Austríacos compraram, à Turquia fatigada, uma porção da Moldávia chamada por êles Bucovina (de *bucov,* em ucraniano «grande floresta») para dar a entender que se tratava de uma região autónoma. O voivodo Gregório Ghika protestou, inùtilmente, contra êsse roubo, visto que foi morto pelos Turcos (1777). De facto, os Turcos já não eram capazes de defender as terras que os grandes sultões de outrora tinham conquistado. Em 1792, os Russos chegaram ao Dniester, fronteira este da Moldávia. Aproveitando a evidente decomposição do Império otomano, e para realizar o sonho de Pedro o Grande, arrebataram aos Turcos metade da Moldávia, abusivamente chamada por êles a Bessarábia (1821). Este rapto nunca foi perdoado nem esquecido pelos Romenos.

Durante êsse triste século XVIII, os Romenos da Transilvania revoltaram-se contra a tirania da oligarquia magiar, esperando que o imperador José II, espírito generoso, compreendesse os

seus sofrimentos (porque a Transilvania era, havia um século, uma província do império austríaco). Houve uma revolta de camponeses romenos, tendo como chefes três bravos — Hória, Closca e Crisan (1784-85). A insurreição foi sufocada em sangue e os seus chefes mortos e supliciados. Mas a resistência social saíu reforçada desta provação. Os intelectuais romenos da Transilvania dirigiram ao Imperador uma *Suplex libellus valachorum* (1791) pedindo a igualdade de tratamento. O imperador considerou tal pedido justo e tais aspirações modestas; os nobres húngaros, porém, recusaram-se a rectificar os seus privilégios. A despeito de tudo isto, os Romenos da Transilvania continuaram a lutar. Enviaram alguns dos seus filhos a Roma, a fim de estudarem a história romena e começarem a publicar obras em latim ou nos idiomas vivos europeus, demonstrando os seus direitos.

6. As revoluções e as guerras da independência e da unidade.

O ponto mais baixo da história romena foi assinalado pelos territórios arrancados ao corpo da Moldávia. Mas, dêsse momento em diante, começou o ressurgimento e a regeneração. Em 1821, Tudor Vladimirescu deu o sinal de revolta contra os abusos dos príncipes fanariotas. Foi apanhado à traição por um chefe militar grego e assassinado, mas o seu sacrifício não foi inútil. Os sultões renunciaram a designar os príncipes gregos e restabeleceram, como outrora, o direito da Moldávia e da Munténia a governarem-se por si, escolhendo chefes romenos.

Uma geração mais tarde, deu-se o primeiro passo para a unidade romena num só Estado. A Moldávia e a Munténia elegeram o mesmo príncipe, Alexandre Cuza (24 de Janeiro de 1859) por um período de sete anos, e os dois países encontraram-se, enfim, definitivamente unidos. Todos os grandes vizinhos se mostraram hostis a esta união, mas as circunstâncias, desta vez, foram favoráveis aos Romenos. O príncipe Cuza realizou, durante o seu reinado, importantes reformas sociais que o popularizaram entre os camponeses. Mas, passados os sete anos, a fim de evitar, de maneira radical, as ambições de certas famílias principescas romenas, que tanto mal fizeram ao país com as suas lutas para a conquista do trono, decidiu-se a eleger um príncipe duma dinastia estrangeira. O trono foi oferecido primeiramente ao conde de Flandres, irmão do rei dos Belgas, que o recusou. Então, a escolha recaíu sôbre o príncipe Carlos de Hohenzollern--Sigmaringen, que tinha, nessa altura, 27 anos, e foi aceite, mediante um plebiscito, pelo povo romeno. O príncipe Carlos chegou a Bucarest a 10 de Maio de 1866, recebido com entusiasmo sem limites. Os Romenos adivinhavam que sob o seu reino o país conheceria de novo a liberdade e a honra.

Com efeito, o jovem príncipe tirou partido de tôdas as circunstâncias políticas exteriores para fazer valer os direitos dos Romenos. Começou por fortalecer o exército nacional, organizar o «status» político do país, sanear as instituïções sociais, económicas e financeiras. Em 1877, ao rebentar uma nova guerra russo-turca, o príncipe Carlos declarou a independência total do país, e, depois duma derrota dos Russos, deu ordem ao exército para atravessar o Danúbio. «Os Turcos concentraram grande massa de tropas em Plevna e aniquilam-nos!», tinha telegrafado o comandante do exército russo, o grão-duque Ni-

colau, em 31 de Julho de 1877, pedindo a urgente intervenção dos Romenos. Foi só depois de ter obtido o comando supremo das tropas romeno-russas, em Plevna, que o príncipe Carlos entrou em acção. Plevna caíu em Dezembro de 1877 e dois meses mais tarde os Turcos pediam a paz. O longo conflito entre Turcos e Romenos, que tinha durado mais de cinco séculos, terminava com a vitória dos últimos. Tornados independentes os países balcânicos após a guerra de 1877, a Roménia deixou de ter fronteiras com o antigo adversário...

O reinado de Carlos I foi o mais longo da História da Roménia; durou 49 anos (até 10 de Outubro de 1914). Em 10 de Maio de 1881, a Roménia proclamou-se reino. Em 1889, como o rei Carlos I e a raínha Isabel (conhecida, sobretudo, pelo seu nome de escritora, *Carmen Sylva)* não tinham filhos varões, foi eleito o herdeiro do trono na pessoa do príncipe Fernando, sobrinho do rei. Durante êsse longo e fecundo reinado, a Roménia teve ensejo — pela primeira vez na sua história! — de concentrar tôdas as fôrças numa óbra criadora. Em 50 anos, tornou-se um país moderno, esforçando-se por ganhar o tempo perdido em lutas intermináveis.

Foi sob o reinado do rei Fernando o Leal (1914-1927), que se realizou a união de tôdas as províncias romenas num Estado único. Os Romenos da Transilvania tinham tentado, em 1848, sob o tribuno Avram Iancu, a sua última revolta armada contra a oligarquia húngara, sem obter nenhum resultado. Quando rebentou a primeira guerra mundial (1914-18), a Roménia entrou em acção, para salvar os Romenos da Transilvania. Os exércitos passaram os Cárpatos e foram recebidos em tôda a parte com flores, pela população. Mas as fronteiras romenas constituiam a

mais extensa frente europeia exceptuando a da Rússia (três vezes mais comprida do que a frente franco-alemã!). Atacadas por uma grande massa germano-búlgara em Turtucaia, no Danúbio, as fôrças romenas retiraram, lutando sem cessar, para novas posições. Uma grande parte do país foi ocupada. Apesar disso, em 1917, os Romenos passaram à contra-ofensiva e ganharam as brilhantes vitórias de Marasti e Marasesti (24 de Julho e 19 de Agôsto de 1917). Mas então produziu-se a defecção das tropas russas, contaminadas pela revolução. Em Outubro, a revolução degenerou em comunista e uma parte das fôrças militares romenas foi ocupada em desarmar os regimentos bolchevistas que devastavam o país. Depois da paz de Brest-Litowsk, as tropas alemãs ocuparam a Ucrânia até Odessa. A Roménia, cercada por todos os lados, e obrigada a lutar, ao mesmo tempo, com os regimentos russos insurrectos, pediu o armistício.

A tristeza de ter sido obrigada a suspender a luta foi mitigada por uma boa notícia: a parte da Moldávia tomada pelos russos em 1812 (a Bessarábia), declarou-se «República Moldava independente» (27 de Janeiro de 1918) e a Assembléia Nacional da jovem república votou, em 10 de Abril de 1918, a sua união com a Roménia. Esta decisão fôra tomada em virtude do princípio, enunciado pelos revolucionários russos, de que todos os povos do antigo Império dos Czares tinham o direito de escolher, livremente, o seu destino. Alguns meses mais tarde, quando, após a derrota, a monarquia austro-húngara entrou em decomposição, os Romenos da Bucovina e da Transilvania decidiram, também, «a união incondicional e perpétua com o reino da Roménia» (28 de Novembro e 1 de Dezembro de 1918). Assim, depois de tantos sofrimentos e desilusões,

o povo romeno realizou o seu destino histórico, visionado por Estêvão o Grande, e erguido, um instante, por Miguel o Bravo.

Em 1919, a revolução comunista rebentou, também, na Hungria; foi a ditadura sangrenta de Bela-Kuhn. Atacado pelas suas tropas, o exército romeno passou o Tissa, em 24 de Julho de 1919, e depois de uma batalha, aniquilou os comunistas e entrou em Budapeste. Bela-Kuhn pôs-se em fuga e a Hungria ficou liberta da sua ditadura sanguinária. Era a segunda vez que os Romenos sufocavam uma revolução comunista na Europa central; a primeira vez, fôra a revolução das tropas russas no seu território; a segunda, a revolução bolchevista, triunfante, na Hungria, que tanto ameaçava a Áustria, como a Polónia, a Checoslováquia e a Roménia.

O rei Fernando I o Leal viveu para ver realizados os sonhos seculares dos Romenos: a união de todos num Estado único. Não viveu para ver essa unidade alterada pelas circunstâncias históricas. Foi sob o reinado de seu filho, o rei Carlos II (1930-40), que a Roménia recebeu o *ultimatum* dos sovietes (27 de Junho de 1940) e aceitou a arbitragem de Viena (30 de Agôsto de 1940), pela qual o país perdeu a Bessarábia, uma parte da Bucovina e metade da Transilvania. Quatro milhões de Romenos ficaram, assim, separados das fronteiras da sua pátria.

O rei Miguel I, que subiu ao trono numa das situações mais difíceis da história moderna do seu país (6 de Setembro de 1940), tendo por *Conducator* do Estado o marechal Antonesco, viu, logo no primeiro ano do seu reinado, a restituïção dos territórios arrebatados pelos sovietes. São estes territórios que explicam a intervenção do exército romeno na guerra contra a U. R. S. S. A conquista de metade da Moldávia não tem só

um significado estritamente nacional. Os Romenos, são, com efeito, os detentores das embocaduras do Danúbio e os fiadores da liberdade internacional e da função europeia dêste rio, com razão chamado «o oitavo mar da Europa». Assim como defenderam, durante séculos, a liberdade do Mar Negro e as embocaduras do Danúbio contra o imperialismo otomano, os Romenos defendem agora a liberdade do grande rio contra o imperialismo eslavo. A guerra contra os sovietes não comporta só o elemento espiritual da defesa dos valores cristãos e europeus contra a mística eurasiática; envolve, também, um elemento geo-político europeu: a liberdade internacional da foz do Danúbio.

CAPÍTULO III

Vida espiritual dos Romenos

1. O Cristianismo.

Como explicar êste «milagre histórico» — a sobrevivência dum povo de cultura e língua latina através de inúmeras invasões e cercado por diversas nações e raças diferentes: fino-ugriana, como os Húngaros, os Tártaros e os Turcos; eslava, como os Búlgaros, os Sérvios, os Polacos e os Russos? Várias razões explicam esta vitalidade incomparável. A primeira, é o amor do povo romeno à sua terra; os seus antepassados não foram nómadas. Um povo que tem raízes tão profundas no território em que habita, prefere perecer a abandoná-lo. A segunda razão encontra-se na fé cristã do povo romeno. Atacados, incessantemente, pelos bárbaros ou pelos infiéis, os Romenos sentiram aumentadas as suas fôrças por lutarem, também, pela sua religião. Na língua romena, «um cristão» quere dizer «um romeno». As primeiras instituïções políticas e administrativas nasceram na Igreja. A fé cristã sempre constituiu, para os Romenos, o fulcro da sua existência moral e física.

Deve apontar-se, também, o papel desempe-

nhado pelas montanhas e florestas, abrigos seculares diante das invasões. Além disso, a estrutura rural da sociedade romena suportava melhor as destruïções e as calamidades. Foi sempre graças a essa estrutura rural que os voivodos romenos puderam ter à sua disposição um exército relativamente numeroso. Não se deve, igualmente, esquecer o génio militar dos voivodos, que realizavam autênticos prodígios com algumas dezenas de milhar de homens. Também o génio político dêsses príncipes contribuiu, em grande parte, para manter a independência do país.

Uma vida tão perigosa e uma história tão dramática imprimiram, sem dúvida, características especiais e profundas na alma do povo romeno. Distingue-se, fàcilmente, um povo que muito sofreu, mas nunca desesperou, de outro que só conheceu a infelicidade por intermitências. As características dominantes da alma romena são a bondade, a tolerância e a hospitalidade. Quem tanto sofreu por causa da intolerância e da crueldade dos outros, defende-se e purifica-se pelo culto das virtudes contrárias. «O camponês romeno é o homem mais tolerante da Europa», escreveu Lucien Romier *(Le carrefour des empires morts*, Paris, 1931, pág. 32). Sir Ernest Baker, reitor do *King's College,* chama «holandesa» à tolerância romena. «O que mais me impressionou foram a bondade e a hospitalidade romenas», escreve o romancista alemão Hans Carossa. «Ambas são proverbiais. Não conheço povo tão hospitaleiro como o romeno». Homens forçados, durante séculos, a errar pelos bosques e a ver os seus lares destruídos e os seus campos devastados, compreendem o valor da hospitalidade...

Não se pode compreender a alma romena nem a história do povo romeno sem conhecer o *seu* cristianismo. Sublinho a palavra, intencionalmente. O Logos revela-se uno e indivisível, mas a condição humana experimenta-o com os seus meios, que são precários e variáveis. O corpo místico de Cristo, é a Sua Igreja; mas a Igreja pertence também à História, que flui sempre, que muda as formas sem cessar. O cristianismo do século IV não é o mesmo — nem podia ser! — que o do século XV ou XX. O cristianismo dos Romenos não podia ser idêntico ao dos Suecos ou dos Russos. Afora as divergências dogmáticas, se as há, intervém a herança duma certa tradição e a experiência duma certa história.

Os Dácio-Romenos foram os primeiros, entre as populações do norte do Danúbio, a converter-se ao cristianismo. Converteram-se — não foram baptizados por ordem ou à fôrça, como os bárbaros, após o século VII. No *seu* cristianismo observa-se uma dupla herança rácica e cultural. Dos Geto-Dácios, conservaram o desprêzo pela morte, a certeza na imortalidade da alma, a serenidade no sofrimento; dos Romanos, assimilaram o sentido da ordem e da gerarquia, o equilíbrio espiritual e a falta de fanatismo. É fácil, com efeito, identificar tôdas estas modalidades no cristianismo dos Romenos, que não são fanáticos e se subtraem às correntes tenebrosas dum misticismo nebuloso. Embora ortodoxos, como os Gregos e os Russos, não conheceram nunca as disputas teológicas dos bizantinos, nem as seitas místicas, derivadas do caos espasmódico da alma eslava. A sua fé cristã defendeu-se, igualmente, dos excessos da casuística abstracta e da vaga monstruosa da heresia «demasiado concreta», que assumia, às vezes, as formas mais rasputinianas.

O que salta à vista, ao estudar de perto a vida religiosa dos Romenos, é a *naturalidade* da sua fé cristã; *anima naturaliter christiana.* Uma fé

que transfigura o Cosmos sem o destruir e sem o repudiar. Uma visão total do Universo que não é pessimista porque o bem há-de acabar por triunfar do mal. Tudo o que vive no Cosmos participa do drama da Redenção pela Paixão de Cristo; é em virtude desta paixão que as árvores frutificam, os animais amamentam as crias, a mãe estremece o filho, etc. O mundo inteiro obedece a um único princípio director, o da ordem e o da harmonia *(rânduiala)*. É devido a êste princípio, cosmológico e moral ao mesmo tempo, que tudo se mantém coeso no Universo, que tudo quanto existe prova uma solidariedade entre todos os níveis de realidade. Este princípio de ordem e de harmonia não advém da imanência; pertence a Deus. Noutros termos: é manifestação externa do Logos divino. Por causa da certeza da presença contínua de Deus na Vida e na História, os Romenos não caíram nunca no pecado do desespêro, ao longo do seu trágico passado. Tiveram sempre a esperança de que, no fim, o Bem há-de triunfar do Mal.

2. Os dois mitos da espiritualidade romena.

Há um mito central em cada cultura, que a revela e se encontra em tôdas as suas grandes criações. A vida espiritual dos Romenos é dominada por dois mitos que exprimem, com espontaneidade perfeita, a visão espiritual que têm do Universo e a sua valorização da existência. O primeiro, é a lenda de Mestre Manole, que, segundo a tradição, edificou a magnífica catedral de Curtea de Argesh. Segundo reza a lenda, tudo o que Manole e os seus operários construíam durante o dia, desaparecia de noite. Para durar, o edifício tinha necessidade duma alma e esta só se alcançava mediante o sacrifício dum ser humano. Quando Manole e os seus operários perceberam a razão da caducidade das suas obras, resolveram emparedar, viva, a primeira pessoa que se aproximasse, ao amanhecer, dos estaleiros. De madrugada, Manole viu, ao longe, a sua mulher, com o filhinho ao colo, que lhe ia levar o almôço. Manole pediu a Deus que mandasse uma trovoada que fizesse parar a mulher no caminho. Mas nem o vento terrível nem a chuva torrencial que Deus mandou, acedendo à súplica, puderam deter a espôsa dedicada. E o próprio Mestre Manole teve de emparedar a sua mulher e o filho, para cumprir o juramento e fazer durar a magnífica igreja — que, efectivamente, nunca mais se desfez dêsse dia em diante.

Esta lenda não é da criação do povo romeno. Encontra-se em tôda a parte no sudoeste europeu. A lenda é, afinal, a fórmula mítica e épica dum dos mais vulgarizados ritos existentes no mundo: os chamados «ritos de construção», que implicam a crença de que tôda a construção, para durar, deve ser «animada» pelo sacrifício dum ser vivo, homem ou animal. Mas a lenda romena de Mestre Manole é, segundo os folcloristas, a mais completa, a mais bela e a mais rica em significado espiritual. A inspiração poética popular criou, com êste têma, uma obra prima, que pode suportar comparação com os mais belos exemplares da poesia popular universal. O que nos interessa é o facto de os Romenos *escolherem* êste têma mítico e lhe darem uma expressão artística e moral incomparável. Escolheram-no, porque a alma romena *reconhece-se* no mito do sacrifício supremo, que faz durar uma obra construída pela mão do homem, quer a obra seja uma catedral, uma pátria ou uma choupana. Canta-

ram em versos inumeráveis o sacrifício de Mestre Manole, por adivinharem que assim cantavam a sua própria vida histórica, o seu sacrifício constante. A adesão dos Romenos a esta lenda é, por si só, significativa. Não se aplicam todo o génio poético e todos os recursos espirituais a refazer um mito sem revelar por êsse ardente interêsse a ressonância que êle teve na alma colectiva.

Mais ainda do que na lenda de Mestre Manole, os Romenos encontraram-se na esplêndida poesia popular *Miorita* (A cordeirinha), da qual aparecem por tôda a parte inúmeras versões. Chama-se-lhe «poesia popular», mas, como tôdas as grandes criações do génio dum povo, denuncia afinidades com a religião, a moral e a metafísica. É a história simples e trágica dum pegureiro, a quem uma cordeira avisa do perigo iminente de ser morto por dois companheiros invejosos dos seus rebanhos, e que, em vez de fugir, aceita a morte. Esta atitude de serenidade perante a morte, esta maneira de a consagrar como um casamento místico com o Todo, encontrou em *Miorita* um acento inegualável. É uma visão original da vida e da morte — concebida como noiva principesca prometida a todo o mundo — que não se exprime em termos filosóficos, mas em admirável forma lírica.

Uma cultura, como, aliás, um indivíduo, revela-se não só pela sua maneira própria de valorizar a vida como também pela sua atitude perante a morte. O valor atribuído à morte tem importância considerável, quando se trata de compreender uma cultura ou um indivíduo. *Miorita* é uma das criações populares em que, melhor do que noutra qualquer, se adivinha a atitude da alma romena perante o facto da morte. Esta não é imaginada como o desaparecimento no

nada, ou como uma pseudo-existência de larva num inferno subterrâneo, ou como uma existência atormentada entre o céu e a terra — mas como um casamento místico, mediante o qual o homem é reintegrado na Natureza. A morte não é uma diminuïção do ser humano, mas, ao contrário, um acréscimo—sob o ponto de vista metafísico, evidentemente. Não se deve fugir diante da morte e muito menos lamentar-se; é um facto de proporções cósmicas, que deve ser aceito com serenidade e até com certa alegria, porque é graças à morte que o indivíduo se liberta dos seus limites. Não se trata, aqui, duma espécie lírica de panteísmo, embora a Natureza esteja presente neste acto de reintegração. Porque a Natureza não se identifica com Deus; ela é sempre a Sua criação. A alma reentra, pelo facto da morte, na grande família cósmica, obra do Criador na sua totalidade.

Inúmeras outras peças populares romenas, aliás, acentuam e completam esta valorização da morte. A mesma concepção aparece nas poesias de Mihail Eminescu, um dos maiores escritores do século XIX. Está também em todo o folclore do povo romeno e das suas cerimónias fúnebres. Talvez seja uma concepção herdada dos seus antepassados Geto-Dácios; talvez uma interpretação original do cristianismo que, não o esqueçamos, deu um valor positivo à morte. Subsiste o facto de que os Romenos dão à morte um significado que se harmoniza com a sua concepção cristã da existência — que, segundo já vimos, se baseia na crença duma ordem cósmica estabelecida por Deus e na certeza de que, no fim dos séculos, o Bem vencerá o Mal.

Estes dois mitos — o de Mestre Manole e o de Miorita — são tanto mais interessantes, quanto os Romenos não podem ser chamados, duma ma-

neira geral, «místicos». É um povo crente, mas humano, natural, vigoroso, optimista, que desconfia de todo o frenesim e de tôda a exaltação doentia do chamado «misticismo». O bom senso é a regra dominante da sua vida espiritual.

3. Características fundamentais da cultura romena.

As permanentes invasões, que começaram no século II e duraram até o século XVIII, impuseram condições especiais à criação cultural. A escultura conhece a lei da «resistência dos materiais»; não se pode esculpir em madeira do mesmo modo que em mármore e vice-versa. No caso dos Romenos, pode-se falar de outra espécie de «resistência» que impôs as suas leis à actividade de criação cultural: é o factor *tempo*. Não se podia contar com êle; não se tinha a esperança de qualquer coisa *durar;* era-se obrigado a criar não para a eternidade, mas para o momento. E foi só por acaso que algumas obras primas artísticas romenas resistiram a inúmeros saques e incêndios e se conservaram intactas até os nossos dias.

Entre essas obras primas devem ser contados, primeiro que tudo, os mosteiros romenos de Sucevita, Cozia (construído no tempo de Mircea o Velho), Putna (Estêvão o Grande), Curtea de Argesh (Basarab), etc. Restam-nos, sòmente, ruínas e fragmentos de monumentos elevados antes do século XIV. A maior parte das igrejas das aldeias e das vilas era feita de madeira e poucas puderam resistir às invasões. As que nos restam suscitam a admiração dos visitantes pela sua simplicidade e esbelteza. Os mosteiros romenos distinguem-se pelo seu estilo próprio, síntese feliz dos estilos bizantino e gótico. Uma

inovação especial é a presença de frescos nas paredes exteriores dos mosteiros. Estes frescos exteriores dão uma vida extraordinária aos monumentos religiosos, uma «animação» sem igual; é uma aliança entre as côres vivas das florestas e dos jardins e as tintas solenes das antigas pinturas. Na época de Brancoveanu, começou a nascer, na Roménia, um novo estilo arquitectónico. As igrejas e os palácios adquiriram proporções mais modestas. Adivinham-se nestas obras influências ocidentais, os ornatos inspiram-se com exuberância no mundo vegetal.

Impedido, pelas invasões, de criar em *pedra,* com tôda a fôrça de que era capaz, o povo romeno criou em *madeira,* em *prata* e em *tecidos.* O génio artístico encontrou infinitas possibilidades de se manifestar nas artes menores. As imagens, os bordados, a ourivesaria, os trabalhos de metal feitos pelos Romenos classificam-se entre os melhores do género. Este génio artístico, inato do povo, manifesta-se mesmo nos mínimos pormenores da vida quotidiana. O vestuário, os utensílios, a decoração da casa aldeã, os tapêtes, os ornamentos dos pilares e das vigas — tudo é criado com um talento inimitável, expressão duma forte personalidade e duma imaginação sem limites. O tesouro artístico do povo romeno é qualquer coisa de *vivo;* o camponês vive num meio que se esforça por embelezar e tornar o mais harmonioso possível. Transforma em obra de arte tudo o que toca, movido por uma pura necessidade interior, por uma exigência do instinto.

O que nos impressiona, antes de mais nada, é o gôsto perfeito de casar as côres, de harmonizar as tonalidades, inspirando-se, na criação dos motivos decorativos, quer no mundo geométrico, quer no mundo vegetal e animal. A arte popular

romena distingue-se, com efeito, por um sentido inato da côr. Basta ver os tapêtes, o vestuário, a olaria, as imagens pintadas em vidro ou ainda os «ovos de Páscoa» desenhados e coloridos, para compreender que «o sentido da côr» é a dominante artística dos Romenos. Além disso, a fonte de inspiração permanece inesgotável, porque os motivos nunca se esgotam. Como dissemos mais acima, os desenhos geométricos coexistem com os motivos pedidos à Natureza (flores, fôlhas e aves), mas transformados por uma estilização que é própria do povo romeno. Não há obras em série; cada objecto possui a sua individualidade. Nenhum tapête se parece com outro; embora pertencente ao mesmo estilo, é difícil confundi-lo. O mesmo se verifica no vestuário nacional; não se encontram duas vestes iguais.

Esta fonte inesgotável de inspiração, esta infinita variedade de motivos, pode, aliás, ser observada em outros sectores da arte popular romena, como, por exemplo, na música e na poesia. Com efeito, a abundância de variantes tem surpreendido tanto os musicógrafos como os folcloristas estrangeiros. No mesmo vale, encontram-se, às vezes, dez variantes do mesmo tema musical ou poético. Os produtos populares romenos não são estereotipados. *A criação continua,* isto é, a obra, uma vez criada, nunca mais se separa da sua fonte de inspiração, nunca se «fixa», nunca é demasiado *perfeita.* Podemos descobrir nesta modalidade da criação popular romena um sentido mais profundo, um significado rico de valores metafísicos. Quer dizer: o ser humano nunca pode criar uma obra perfeita, pois a perfeição só a Deus pertence; por conseguinte, cada um deve *continuar* a criação do outro, porque a obra de arte não é «coisa morta», mero objecto inerte, mas um organismo que deve ser alimentado incessantemente pelo génio dos seres humanos.

Fizemos menção da poesia popular romena, falando de Miorita e da lenda de Mestre Manole. É coisa impossível, mesmo ao de leve, tratar do assunto em poucas linhas, porque, no dizer dos especialistas, êsse tesouro poético é incomparável, não só sob o aspecto literário como também pela sua riqueza de motivos e variantes e pelas suas valências simbólicas. E isto porque uma poesia popular, verdadeiramente importante, nunca é só «poesia»: é, ao mesmo tempo, uma valorização total da existência. Compreende-se, segundo um belo texto popular, o que o povo que o concebeu pensa da vida e da morte, de Deus e do Mundo, do Bem e do Mal. Entre os romenos, a poesia costuma ser acompanhada de música. Os poemas «cantam-se». Há inúmeros textos e inúmeras variantes musicais da canção chamada *doina,* mas o estilo é sempre o mesmo e sempre se distingue uma *doina* de uma centena de outras melodias. É um canto lento, melancólico, às vezes duma tristeza aflitiva.

Não é, certamente, o único têma musical romeno, nem o mais divulgado. Citámo-lo, por causa da popularidade que a *doina* disfruta no estrangeiro. Não se pode falar de poesia popular romena sem falar de *dor,* a saüdade dos Romenos. É um sentimento complexo, de difícil análise em poucas linhas (Cf. o nosso artigo «*Dor*» — *a saüdade romena,* no jornal *Acção,* 31 Dezembro 1942). A palavra tanto serve para exprimir a melancolia de estar separado dos seus, a nostalgia dos felizes tempos já passados, como o desejo ardente por uma ou outra coisa qualquer. *Dor,* tanto está presente nos versos mais melancólicos como nos mais apaixonados.

Em resumo, a cultura popular romena é uma

das mais orgânicas e substanciais que a Europa conhece. Isto é, aliás, fácil de compreender, se se pensar que o povo romeno é formado, na sua grande maioria, por camponeses (80 % dos seus habitantes) e tem conservado até agora uma civilização rural arcaica, hoje desaparecida nos países de estrutura urbana avançada. O arcaísmo desta civilização explica-se pela continuïdade racial e territorial que existe entre os Geto-Dácios e os Romanos. Especialmente no norte da Transilvania, conservam-se tradições folclóricas que só se explicam pela proto-história dos Geto-Dácios (por ex. as cerimónias relativas à mandragora; cf. o nosso estudo: «*Le culte de la mandragore en Roumanie*», *Zalmoxis I,* 1938, págs. 209-225). A civilização campesina romena é das mais bem conservadas e, ao mesmo tempo, das mais ricas da Europa. Compreende-se fàcilmente que tal civilização tenha podido criar monumentos artísticos tão perfeitos e uma poesia sobremaneira vasta e elaborada. Nesse tesouro inspiraram-se os maiores escritores romenos: a poesia de Mihail Eminescu, a prosa saborosa de Ion Creanga, as novelas e os romances de Mihail Sadoveanu — para citar apenas três escritores dos séculos XIX e XX — que *continuam a arte popular.* Em virtude desta dependência orgânica dos maiores escritores romenos da mesma fonte que criou os produtos da arte popular, não existe descontinuïdade entre a língua vulgar e a língua culta; mais ainda, ao passo que, de todos os autores cultos das outras literaturas europeias, sòmente La Fontaine, e, talvez, Cervantes, são compreendidos e apreciados por qualquer camponês do país respectivo, a maioria dos autores clássicos romenos são também os autores favoritos dos camponeses. Um Goethe ou um Schiller são difìcilmente acessíveis, nas suas principais obras, a um camponês

alemão; o mesmo se dá relativamente a um Dante ou a um Petrarca, com os camponeses italianos; a um Montaigne, a um Racine ou a um Rabelais, com os rurais franceses; a um Shakespeare, com os inglêses. Mas um escritor como Ion Creanga, a maior parte das poesias de Mihail Eminescu, tôda a obra de Sadoveanu, a prosa histórica de Odobescu e outros autores clássicos romenos, são apreciados e procurados pelos campónios, mesmo se mal sabem ler e pedem a alguém que lhes leia em voz alta. O facto prova até que ponto a literatura moderna romena mergulha as suas raízes no solo rico da cultura popular.

4. Figuras notáveis da cultura romena.

Observámos, no princípio do presente estudo, que os povos que habitam, desde a pre-história até a época contemporânea, o território da antiga Dácia, sofreram alternadamente a influência do Oriente e do Ocidente. A influência grega dos primeiros séculos antes de Cristo (sem lembrar as outras influências da pre-história e da proto-história) sucede à influência ocidental, levada pela conquista de Trajano; as invasões bárbaras quebram as relações culturais com o Ocidente e a Dácia volta-se para Bizâncio, uma Roma helenizada e, no fim de contas, orientalizada. O século XVII, enfim, marca a orientação da cultura romena para o Ocidente. É o grande historiador Miron Costin que descobre a latinidade e o Ocidente, com a ajuda do humanismo polaco; é o cronista Constantino Cantacuzino que descobre directamente o Ocidente na Itália; é o grande Demétrio Cantacuzino, homem universal, que é eleito membro da Academia de Berlim e

mantém correspondência com os maiores sábios e filósofos da época. No século seguinte, a influência ocidental continua a exercer-se: ou através das escolas fanariotas, ou, directamente enfim, nos princípios do século XIX, quando aparece, na Transilvania, a corrente cultural conhecida sob o nome de «escola latinista», que se propõe, entre outros objectivos, o de eliminar da língua romena tôdas as palavras de origem eslava. De então para cá, a cultura romena tem recebido, incessantemente, a influência ocidental, quási sempre francesa, algumas vezes italiana, e, durante a geração mais célebre (a época de Eminescu), alemã.

Esta alternativa entre o Oriente e o Ocidente deu à cultura romena letrada (para a distinguir da cultura popular) um cunho absolutamente pessoal, que não é fácil ser confundido. Será útil acrescentar que entendemos por *influência* uma das modalidades de alargar o horizonte espiritual, uma fertilização dos recursos criadores próprios e nunca uma *cópia* ou *imitação* dum valor estrangeiro. Nunca se criou nada com tal imitação; pelo contrário, a imitação produziu sempre resultados medíocres e estéreis, que a História não retém. A cultura romena conheceu, certamente como qualquer outra cultura, imitadores medíocres, que copiaram os valores em voga no Ocidente; mas se êsses desempenharam, talvez, a missão de popularizar as idéias ocidentais, em nada contribuíram para enriquecer o património espiritual romeno, e, muito menos, o europeu. A maioria dos criadores, como já vamos ver, assimilaram uma parte da cultura europeia, mas criaram com as suas próprias fôrças.

Com efeito, o maior génio romeno, Mihail Eminescu, era, ao mesmo tempo, um homem dos mais cultos, um verdadeiro homem universal. Da

filosofia à lingüística, da economia política ao folclore e ao ocultismo, tudo percorreu, sequioso duma ciência enciclopédica e profunda ao mesmo tempo. E todavia, as suas criações, conservando mesmo, às vezes, as formas da poesia popular, exprimem, de maneira total, o génio do povo romeno. As criações de Eminescu alcançaram um lugar na história da literatura mundial, justamente porque não repetiam o génio alheio, mas traziam consigo uma nota original e inédita. O poema de Eminescu, *Luceafarul* (Estrêla da Manhã), considerado pelos críticos uma das mais belas composições da poesia europeia do século XIX, revela-nos o drama eterno do génio que alcança a imortalidade mas nunca pode conhecer a ventura terrestre; a «acção» dêste poema decorre, em parte, num quadro cósmico; outra parte, num castelo lendário, romeno. Está escrito num magnífico ritmo popular, embora novo e inimitável.

Eminescu, na sua obra prima, *Luceafarul*, não é só um exemplo típico da cultura romena letrada; é, também, em certo sentido, a definição dessa cultura. Com efeito, o que impressiona na cultura romena é que a maior parte dos génios criadores se compõe de homens extremamente cultos e, ao mesmo tempo, bons patriotas, muito afeiçoados à sua terra. Citámos já o nome do príncipe Demétrio Cantemir; foi êle que inaugurou esta tradição de «homem universal» que subsiste, e ao mesmo tempo, *romeníssimo,* às vezes acusado pelos seus contemporâneos de «nacionalista exaltado». Eminescu é um dêles. Este homem, que traduzia Kant e lia os Upanichads, foi um profeta nacionalista, o verdadeiro criador do nacionalismo poético romeno. Outro exemplo: Bogdan Petriceicu Hasdeu (1836-1907), o homem mais sábio do seu século, professor de

línguas indo-europeias na Universidade de Bucareste (sabia uns vinte idiomas, entre os quais o persa, o turco, tôdas as línguas eslavas, etc.) e que podia ensinar, ao mesmo tempo, Economia Política, Direito, História e Etnografia. Este Hasdeu era um escritor que, nas suas peças de teatro, nas suas poesias, nos seus romances históricos, em conferências e artigos políticos, manifestava o mesmo amor apaixonado pela sua terra e pelo seu povo, o mesmo conhecimento da língua popular, e romeno até à raiz dos cabelos! É preciso, também, mencionar Alexandre Odobescu, professor de arqueologia e escritor de vasta cultura; Vasile Pârvan, arqueólogo e filósofo; Lucian Blaga, poeta, dramaturgo e filósofo, autor dum interessantíssimo sistema filosófico, que também alia o homem universal ao mais puro «romenismo». Deve-se nomear, especialmente, o grande historiador e polígrafo Nicolas Iorga, autor de uma obra imensa, que não deixou nenhum sector das ciências humanas por estudar, continuador do nacionalismo de Eminescu. Nicolas Iorga foi, verdadeiramente, um profeta da romenidade: êste homem, que tinha lido tudo, que escrevia em seis ou sete idiomas e lia trinta, defendeu com paixão os valores espirituais romenos contra os importadores do estrangeiro. Tinha compreendido a necessidade de *assimilar* e de não *imitar*.

Este tipo «eminesquino» de homem universal, aliado ao romeno puro, é dominante na cultura romena, mas não é o único. Outros há que tiveram uma estrutura tão romena como aquêles, nas suas criações, sem possuírem uma cultura tão universal. Mencione-se, como o primeiro de todos, dêste tipo, Ioan Creanga, autor dum só volume de prosa, mas certamente o mais lido na Roménia. Creanga era preceptor, mas tinha retido, como ninguém, o tesouro folclórico da sua aldeia e é isso que alimenta e anima os seus contos inolvidáveis e as suas encantadoras recordações de infância. Não esqueçamos Mihail Sadoveanu, duma fôrça épica e duma fertilidade incomparáveis, que evocou tôda a história dos Romenos nas suas novelas e nos seus romances, que fêz reflectir nos seus livros tôda a paìsagem do seu país; nem Liviu Rebreanu, o maior romancista vivo da Roménia, autor do famoso *Ion*, a epopeia do camponês da Transilvania, do camponês eterno, solicitado pelo amor da terra e pela paixão; nem Tudor Arghezi, o maior poeta vivo da Roménia, que transformou a língua romena enriquecendo-a com valores novos, transpondo para os seus versos tôda a tragi-comédia da vida. E podia-se continuar, citando ainda, pelo menos, os nomes de uma dezena de escritores romenos modernos, mas é inútil fazer listas de nomes, se se não pode falar suficientemente de cada um dêles. Raríssimos escritores desta categoria se tornaram célebres fora das suas fronteiras. Só Panait Istrati, o inesquecível rapsodo do Danúbio, de Baragan e dos Cárpatos, Liviu Rebreanu e Mihail Sadoveanu, foram bastante traduzidos nas outras línguas, conquistando assim um título a que tinham direito — o de escritores europeus. Estão, também, traduzidos muitos outros romancistas e novelistas romenos e podem esperar-se, confiadamente, os resultados.

O que nunca se deve esquecer é a *fonte* permanente de inspiração de todos estes criadores: o tesouro lingüístico e artístico popular. E isto porque foi na espiritualidade do povo romeno, no seu cristianismo, na sua filosofia da vida, na sua atitude perante a existência, que todos beberam: uns, conscientemente; outros, sem o saberem. Mas, mesmo assim, a continuïdade orgânica entre a tradição e as suas obras foi real.

CRONOLOGIA SUMÁRIA

Cêrca de 2.000 anos ant. J. C. — Aparecimento histórico dos Geto-Dácios na Dácia.

VI século ant. J. C. — Herodoto escreve acêrca da religião dos Geto-Dácios.

335 anos ant. J. C. — Alexandre o Grande atravessa o Danúbio na Dácia.

292 anos ant. J. C. — O rei Dácio Dromichaetes esmaga o exército do rei macedónio Lisímaco.

I século ant. J. C. — O grande reino dácio de Buerebista.

85 anos dep. J. C. — Os Dácios, sob o reinado de Decebale, atacam os Romanos e saem vencedores.

101-102 dep. J. C. — Primeira guerra de Trajano contra Decebale.

105-106 dep. J. C. — Segunda guerra de Trajano. Decebale suïcida-se e a Dácia é convertida em província romana.

III século — A *Dácia felix* é atacada pelos Bárbaros.

271-274 — Aureliano retira as legiões da Dácia.

315 — O monumento *Tropaeum Trajani* da Dácia inferior (Dobrudja) é restaurado pelo Imperador.

328 — O Imperador Constantino atravessa o Danúbio.

IV século — Os Dácio-Romanos cristianizam-se.

375 — Invasão dos Hunos.

V século — Invasão dos Gépidas.

VI século — Invasão dos Longobardos e dos Avaros.

580 — O nome «Romania» aparece numa inscrição grega de Sirmium.

VII século — Invasão dos Eslavos.

895-906 — Invasão dos Magiares na Europa Central.

976 — Primeira menção dos Vlacos (romenos).

Fim do século XI — *Blakumen* na inscrição rúnica de Sjonhem.

Século XII — Os Vlacos na *Canção de Rolando.*

1173-1193 — Os principados romenos da Transilvania do século X aparecem mencionados na *Gesta Hungarorum.*

1186 — Revolta dos Vlacos contra o Imperador bizantino. Fundação do império romeno-búlgaro.

1222 — *Terra Blacorum* na Transilvania.

1241 — Grande invasão tártara na Europa Central.

1247 — Os principados romenos de Litovoi e Seneslav, na Olténia.

1308 — Primeira menção do Príncipe de Munténia (Valáquia), na Crónica de Otokar de Stiria.

1324 — Primeira menção de Basarab, criador da dinastia de Munténia.

1352 — Fundação do segundo principado romeno — a Moldávia.

1386-1418 — Mircea o Velho.

1389 — Primeira batalha de Mircea contra os Turcos.

1400-1432 — Alexandre o Bom.

1442 — João Corvino de Hunedoara, Grande Voivoda da Transilvania, bate os Turcos.

1456-1562 — Vlad o Empalador.

1457-1504 — Estêvão o Grande.

1474 — Grande vitória contra os Turcos em Vaslui.

1527-1538 — Petru Raresh.

1526 — O Sultão Solimão o Magnífico destrói o reino húngaro em Mohacsi.

1593-1601 — Miguel o Bravo.

1600 — Reünião de três principados romenos — a Munténia, a Moldávia e a Transilvania — num só país.

1683 — Os Turcos põem cêrco a Viena.

1635-1654 — Matei Basarab reina em Munténia.

1634-1653 — Vasile Lupu na Moldávia.

1678-1688 — Serban Cantacuzino.

1688-1714 — Constantino Brancoveanu.

1686 — Reconquista de Buda pelos Austríacos.

1710-1711 — Demétrio Cantemir.

1711 — Pedro o Grande é vencido pelos Turcos em Stanilesti.

1775 — Os Austríacos compram à Turquia uma parte da Moldávia (Bucovina).

1784-1785 — Revolta dos Romenos da Transilvania (Horia, Closca, Crisan).

1791 — *Supplex libellus valachorum* dos Romenos da Transilvania.

1792 — Os Russos chegam, pela primeira vez na História, ao rio Dniester.

1821 — Os Russos arrebatam uma parte da Moldávia (Bessarábia).

1821 — Revolta de Tudor Vladimirescu.

1848 — Revolta dos Romenos da Transilvania (Avram Iancu).

24 de Janeiro de 1859 — O Príncipe Alexandre Cuza é eleito, ao mesmo tempo, pela Moldávia e pela Munténia.

10 de Maio de 1866 — O Príncipe Carlos de Hohenzollern sobe ao trono da Roménia.

31 de Julho de 1877 — Os Russos, em situação difícil, em Plevna, na Bulgária, pedem o auxílio dos Romenos.

Dezembro de 1877 — Plevna cai, os Turcos pedem a paz. Independência total da Roménia.

10 de Maio de 1881 — A Roménia torna-se um reino.

10 de Outubro de 1914 — Morte do Rei Carlos I.

1914-1927 — O Rei Fernando.

1916-1917 — A Roménia na Grande Guerra.

24 de Janeiro de 1918 — A Bessarábia proclama a sua união com a Roménia.

28 de Novembro de 1918 — A Bucovina proclama a união também.

1 de Dezembro de 1918 — A Transilvania proclama igualmente a união com a Roménia.

1919 — A Revolução comunista de Bela-Kuhn, na Hungria, é aniquilada pelas tropas romenas.

1930-1940 — Reinado de Carlos II.

27 de Junho de 1940 — *Ultimatum* dos sovietes e segundo rapto da Bessarábia.

30 de Agôsto de 1940 — Arbitragem de Viena e cessão da Transilvania do Norte à Hungria.

6 de Setembro de 1940 — O Rei Miguel sobe ao trono.

28 de Junho de 1941 — A Roménia entra na guerra contra a U. R. S. S.

Verão de 1941 — Reconquista da Bessarábia.

BIBLIOGRAFIA

Limitamo-nos apenas a apontar as obras fundamentais, escritas, a maior parte, em idiomas estrangeiros, acêrca da origem e da história dos Romenos. O leitor encontrará nestes trabalhos tôdas as indicações necessárias.

1. Trabalhos gerais sôbre a história dos Romenos

Seton Watson, *A History of the Roumanians* (Cambridge, 1937; edição francesa: *Histoire des Roumains*, Paris); A. D. Xenopol, *Histoire des Roumains de la Dacie trajane*, 2 vols. (Paris, 1896).

N. Iorga, *Histoire des Roumains* (Paris, 1920; há também edições em italiano, alemão, inglês, etc.); *Histoire des Roumains et de la roumanité orientale* (Bucareste, 1937-1939; 5 vols.; a obra completa só apareceu em língua romena em 11 volumes com êste título: *Istoria Românilor si a romanitatii orientale* (Buc., 1936-1939); *Geschichte des Rumänischen Volkes* (Gotha, 1905, 2 vols.).

C. C. Giurescu, *Istoria Românilor*, Buc., 1935-1940, 3 vols.

N. Iorga, *La place des Roumains dans l'histoire universelle* (Paris, 1935).

2. Prehistória. — Antiguidade

V. Pârvan, *Getica. O protoistorie a Daciei* (Buc., 1926; com um extenso resumo em francês); *Dacia. An outline of the early civilizations in the Carpatho-Danubian countries* (Cambridge, 1928).

H. Schmidt, *Cucuteni* (Berlim, 1932).

Ion Nestor, *Der Stand der Vorgeschichtsforschung in Rumänien* (Berlim, 1933).

Roberto Paribeni, *Optimus Princeps. Saggio sulla storia e sui tempi dell Imperatore Trajano,* 2 vols. (Messina, 1926-1927).

C. Cichorius, *Die Reliefs der Trajanssäule,* 2 vols. (Berlim, 1896-1900).

C. Daicoviciu, *Le Problème de la continuité en Dacie,* Cluj., 1940 (Separata da *Revue de Transylvanie,* tômo VI).

F. Altheim, *Die Soldaten Kaiser* (Francfort no Meno, 1939).

3. Idade Média

A. D. Xenopol, *Une énigme historique. Les Roumains au Moyen Age* (Paris, 1885).

Aurélien Sacerdoteanu, *Considérations sur l'histoire des Roumains au Moyen-Age* (Paris, 1929; edição romena aumentada, Bucareste, 1936).

C. Daicoviciu, *La Transylvanie dans l'antiquité* (em o volume editado pela Academia Romena, *La Transylvanie,* Buc., 1938).

Gh. Bratianu, *Une énigme et un miracle historique: le peuple roumain* (Buc., 1937; edição romena aumentada, 1940; ed. italiana, 1941; ed. alemã, 1942).

J. Zeiller, *Les origines chrétiennes dans les provinces danubiennes de l'Empire roumain* (Paris, 1918).

C. Diculescu, *Die Gepiden* (Leipzig, 1922); *Die Vandalen und die Goten* (Leipzig, 1923).

N. Iorga, *Histoire des Roumains de Transylvanie et de Hongrie,* 2 vols. (Buc., 1915-1916).

O. Tafrali, *Monuments byzantins de Curtea de Arges,* 2 vols. (Paris, 1931).

G. Popa-Lisseanu, *Românii in izvoarele istorice medievale* (Buc., 1939 — Os romenos nas fontes históricas medievais).

4. Obras sôbre os reinados dos principais príncipes

D. Onciul, *Originele Principatelor Române* (Buc., 1899; origens dos principados romenos).

P. P. Panaitescu, *Alexandru cel Bun* (Buc., 1932; «Alexandre o Bom»).

T. Nicolau, *Ioan Huniade Corvin* (Buc., 1925).

Teodor Popa, *Iancu Corvin de Hunedoara* (Hunedoara, 1925).

I. Ursu, *Stefan cel Mare* (Buc., 1925).

E. Beau de Loménie, *Naissance de la nation roumaine. De Byzance à Etienne le Grand* (Buc., 1937).

Radu Rosetti, *Essais sur l'art militaire des Roumains* (Buc., 1935).

N. Iorga, *Istoria lui Mihai Viteazul,* 2 vols. (Buc., 1935).

P. P. Panaitescu, *Mihai Viteazul* (Buc., 1936).

Ion Sârbu, *Matei Voda* (Leipzig, 1899).

I. Minea, *Demitrie Cantemir* (Iasi, 1926).

N. Iorga, *Vieata si domnia lui Constantin Brancoveanu* (Buc., 1913).

N. Iorga, *Geschichte des Osmanischen Reiches,* 5 vols. (Gotha, 1908-1913).

5. A história moderna

Ch. U. Clark, *Bessarabia* (Nova York, 1927).

D. Onciul, *Geschichte der Bukovina* (Viena, 1896).

A. V. Boldur, *La Bessarabie et les relations russo-roumaines* (Paris, 1927).

G. East, *The Union of Moldavia and Wallachia* (Cambridge, 1929).

T. W. Riker, *The making of Roumania, study of an international problem* (Oxford, 1931).

I. Nistor, *La Bessarabie et la Bucovine* (Buc., 1937).

Const. Kiritzesco, *La Roumanie dans la guerre mondiale 1916-1919* (Paris, 1934).

Silviu Dragomir, *La Transylvanie roumaine et ses minorités ethniques* (Buc., 1934). Academia Romena: *La Transylvanie* (Buc., 1938).

I. Lupas, *La Transilvania nel quadro geografico e nel ritmo storico romeno* (Buc., 1941).

6. Vida espiritual

S. Mehedinti, *Le pays et le peuple roumain* (Buc., 1930; ed. inglesa, *Rumania and her people,* 1939; edições da Academia Romena); *Crestinismul românesc* (Buc., 1940).

N. Iorga, *Les Arts Mineurs en Roumanie,* 2 vols. (Buc.-Paris, 1934-1935); *Istoria Literaturii Romane,* 8 vols. (Buc., 1901, 1904, 1907-1909, 1934); *Istoria bi-*

sericii românesti si a vietii religioase (ed. II, 2 vols., 1929).

Ovide Deususianu, *Histoire de la langue roumaine,* 2 vols. (Paris, 1901-1914); *Florilége de Chants populaires roumains* (Paris, 1934).

P. Henry, *Les églises de la Moldavie du Nord, des origines à la fin du XVII siècle,* 2 vols. (Paris, 1930).

S. Oprescu, *L'art du paysan roumain* (Buc., 1937; ed. inglêsa: *Peasant Art in Roumania,* Londres, 1929).

B. Munteanu, *Littérature roumaine* (Paris, 1938).

Ramiro Ortiz, *Letteratura romena* (Roma, 1941).

ÍNDICE


PLANO
DE
FORMAÇÃO
SOCIAL
E
CORPORA-
TIVA
JUNTA
DA
ACÇÃO
SOCIAL
BIBLIO-
TECAS